

Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam

INDOMINÁVEIS PRESENCAS

Luana Kayodè

Cíntia Guedes



Brasil, 2025

INDOMINÁVEIS PRESENCAS

CCBB Brasília - 19/11/24 a 12/01/25
CCBB São Paulo - 05/02/25 a 07/04/25
CCBB Rio de Janeiro - 30/04/25 a 30/06/25



Produção



Realização



Banco do Brasil apresenta e patrocina a exposição ***Indomináveis Presenças*** que reúne 114 obras de diversas linguagens, produzidas por uma coletividade de 16 artistas, que materializam a transformação do olhar colonial para as artes e para urgente necessidade de reparação e reconhecimento.

A mostra é um convite a experimentar formas de exorbitar o mundo a partir de perspectivas negras, indígenas e LGBTQIAPN+ comprometidas com a emancipação da imaginação e com o estado de celebração.

Ao realizar esse projeto, o Centro Cultural Banco do Brasil reafirma seu compromisso com a pluralidade cultural e com o fomento a projetos que além de celebrar a arte, proporcionam ao público uma imersão que favorece reflexões sobre identidade, diversidade, inclusão, resgate e valorização de histórias e tradições de um legado ancestral.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

*Banco do Brasil and CCBB present and promote the exhibit **Inomináveis Presenças/ Indomitable Presences**, a celebration of black, indigenous and LGBTQIAPN+ communities, that offers an overview of the different perspectives in Brazilian visual arts, with 16 artists from 4 distinct Brazilian regions. The project has 115 works that outline the transformation of the colonial gaze in the arts and states a significant poetic base that seeks not only the urgent need for compensation and acknowledgment, but also a reorganization of the visual arts establishment.*

*The partnership of Banco do Brasil and CCBB with rising agents and platforms made the exhibit **Indomitable Presences** possible. The exhibit collaborates with the maintenance of racialized and gender non-conforming artists by sponsoring them, setting their circulation and relevance in the arts.*

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL



PANAMBY
SÃO PAULO, SP, 1985

SEM TÍTULO, 2019
FOTOPERFORMANCE DE PANAMBY E TXAI
PANAMBY, FOTOGRAFIA DIGITAL DE FILIPE
ESPINDOLA
OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA

SUMÁRIO

AfrontArt por Raína Biriba	5
Indomináveis Presenças por Luana Kayodè E Cíntia Guedes	9
Subsistência andrógina por Luana Kayodè	13
Feitiço, indeterminação e desobediência Por Cíntia Guedes	21
abigail Campos Leal	25
Para as memórias não descolarem da matéria por Correnteza Braba	29
Preso no movimento (Na Onda) por Jota Mombaça	32
“Eu já estive aqui” por Jup Do Bairro	42
Obra Sonora por Ventura Profana	46
Artistas	49
Ficha Técnica	83



RAINHA F.
RIO DE JANEIRO, RJ, 1992

ALVORADA, 2021
SÉRIE - DESALUMINADA
FOTOGRAFIA DIGITAL, IMPRESSÃO FINE
ART - 120 x 80 CM
ACERVO DA ARTISTA

As poéticas contemporâneas das artes visuais brasileiras criadas por corpos dissidentes são afloramentos que brotam da vivência da dor, que reuniu milhares de corpos-culturas pela sobrevivência e re-existência. Seus imaginários celebram a pluralidade que emana das comunidades negra, indígena e queer, suas corporeidades, territorialidades, afetos e símbolos.

Se ontem o quilombo era tecnologia ancestral de fuga, hoje transmutou-se em tecnologia afrofuturista de re-conhecimento, co-criação e estratégia. Se a aldeia é célula ancestral-originária de comunidade, hoje ensina sobre o futuro.

O processo curatorial desta mostra catalisa uma expansão de imaginários na direção de uma nova ecologia simbólica decolonial sobre a cultura. Escancara uma diversidade criativa, estética, técnica e poética de artistas de diferentes gerações. Rastreia o que há de incontornável nas múltiplas identidades e expressões da arte brasileira

AFRONTART

por RAÍNA BIRIBA

The contemporary poetics created by Brazilian visual arts gender non-conforming bodies rise from the experience of pain that gathered thousands of body-cultures in survival and re-existence. Their imaginary celebrates the diversity in black and indigenous queer communities that emerge from their bodies, territorialities, affections and symbols.

If yesterday quilombo meant ancient escape technology, it became today an Afrofuturist technology of recognition, co-creation and strategy. If aldeia is an ancient-native expression meaning community, it teaches us today about future.

The curatorship process of this exhibit unleashes expanded imaginations towards a decolonial symbolic ecology on culture. It presents the creative, aesthetic, technical and poetical diversity of different artists with distinct ages, and traces what is inescapable in the multiple identities and expressions in Brazilian art.

AFRONTART

by RAÍNA BIRIBA



RAFA BQUEER
BELÉM, PA, 1992

CASACO THEMÔNIA - UHURA BQUEER, 2023
LAMÉ, MANTA ACRÍLICA, TECIDO DE PAETÊ,
LYCRA E PELÚCIA - 130 X 72 X 288 CM
ACERVO DA ARTISTA

TRAVA QUEEN, 2023
TECIDO DE PAETÊ, LYCRA, MANTA ACRÍLICA E
ESPONJADO - 195 X 145 CM
ACERVO DA ARTISTA

*“Minha pele é linguagem
E a leitura é toda sua, ôh*

...

*Apesar de tanto não, tanta dor que nos invade
Somos nós a alegria da cidade
Apesar de tanto não, tanta marginalidade
Somos nós a alegria da cidade...”*

Alegria da Cidade - Virgínia Rodrigues e Lazzo Matumbi

Indomináveis Presenças

Indomináveis Presenças é a presentificação de imaginários contra-coloniais materializados em obras de diversas linguagens. Idealizada pelo quilombo digital **AfrontArt**, a exposição reafirma o compromisso em fomentar a emergência e a permanência de perspectivas negras e indígenas na cena das artes visuais brasileiras da contemporaneidade.

O processo curatorial compartilhado demandou de nós a capacidade de sonhar durante o imprevisto. Abraçamos o desafio de nos tornarmos íntimas de nossas divergências transformando-as em fricções criativas, adubamos a teimosia e insistimos tanto na alegria da realização do impossível, quanto na recusa em servir ao mero entretenimento. Abandonamos nomes, etiquetas identitárias, e aderimos a energia da transmutação. Nossas pesquisas são o fundamento do que apresentamos na exposição, mas precisamos ressaltar a importância de um processo curatorial moldado e refinado a cada novo encontro com artistas. Foi conversando que encontramos a imagem de uma floresta que atravessa o tempo, erguida por gentes de pele escura.

A coletividade de artistas presentes convoca-nos a visitar e experimentar formas de exorbitar o mundo desde **perspectivas negras, indígenas e LGBTQIAPN+** comprometidas com a emancipação da imaginação e com o estado de celebração. A recusa do mundo em nos acolher enquanto humanas aparece menos como um problema a ser reparado, e mais como uma possibilidade de entrar em relação com as muitas e antigas formas pelas quais existimos: aquilombadas e comprometidas em refecundar a vida apesar da violência. Das formas exorbitantes, desdobram-se narrativas fantásticas, retornos abstratos em direção à matéria, contestações monumentais, sobreposição de memórias, fabulação de futuros ancestrais.

Percebermos os ruídos das imagens se erguendo em festa depois das batalhas vencidas, e nos tornamos capazes de escutar as promessas sendo sussurradas entre afagos, esse é apenas um meio-começo de caminho. Planejamos um resultado, navegar a espiral do tempo e assentar, aqui e agora, um mundo que vem e que já está aqui. A rota percorrida nos fez incorporar vestígios e insistir na recusa daquilo que se espera de artistas dissidentes e de suas comunidades. Desenhamos outras rotas no mapa das artes visuais brasileiras. A arte só acontece porque é vivida enquanto liberamos nossas imaginações do projeto colonial e nos tornamos incapturáveis.

Eis as imagens: em abundância e enfeitadas. Desejamos que elas se espalhem e povoem cânticos, imaginações, sonhos, trabalhos escolares e conversas madrugais, pois elas são o vestígio e a evidência de que a vida segue acontecendo porque é encantada.

Nada... nada existe além do milagre e da persistência.

LUANA KAYODÈ
CÍNTIA GUEDES

*"My skin is language
And the reading is all yours, oh*

...

*Despite of so many denials, so much pain invading us
We are the city's joy
Despite so many denials, so many delinquency
We are the city's joy*

The city's joy - Virgínia Rodrigues e Lazzo Matumbi

Indomináveis Presenças/Indomitable Presences presents the materialization of countercolonial imageries in several mediums. Assembled by the digital quilombo **AfrontArt**, the exhibit restates the commitment to promote and develop black and indigenous perspectives in contemporaneous Brazilian visual arts scene.

The shared curatorship process demanded from us the capacity to dream during the unexpected. We embraced the challenge to become acquainted with our disagreements and transformed them into creative fictions, we planted stubbornness and insisted on the joy of making the impossible happen and refused to serve simple entertainment. We dismissed names, identity labels and grasped the energy of transformation. Our research was the basis of what we present in the exhibit, but we need to emphasize the importance of the curatorship process shaped and refined in each new encounter with the artists. This was how we found the image of a forest that navigates through time, built by dark skin people.

The gathering of artists invites us to visit and try out ways to overstep the world from **black, indigenous and LGBTQIAPN+** perspectives, engaged to freeing the imagery and to the celebratory state. The world's refusal in accepting us as humans is less of a problem to be solved and more of a possibility to be in relation to the many and ancient ways through which we exist: aquilombadas and committed to spreading life despite the violence. Out of these many overstepping ways, we can find fantastical narratives unfolding, abstract returns to a corporeality, monumental contestations, memory overlapping and ancestral future fabulations.

We notice the buzz from images rising in happiness after winning battles and making us capable of hearing the promises being whispered softly, this is just the half-beginning of a path. We had a goal: to navigate the spiral of time and set ourselves, here and now, an already existent world to come. The path we traced made us incorporate some old remains and refuse what was expected from nonconformists' artists and their communities. We have drawn other paths in the map of Brazilian visual arts. Art only happens because it's lived while we liberate our imaginations from the colonial project and become untamable.

Here are the images: abundant and bewitched. We want them to spread and live in musics, imaginations, dreams, schoolwork, night talks. Because they are the trace and the evidence that life keeps happening because it is enchanted.

Nothing... nothing exists beyond the miracle and endurance.

**Indomitable
Presences**

**LUANA KAYODÊ
CÍNTIA GUEDES**



COSMOS BENEDITO
CORUMBÁ, MS, 1991

SEM TÍTULO, 2020
PINTURA E COLAGEM - TERRA, BÚZIOS,
PEDRAS, OSSOS, PLANTAS, SEMENTES,
PAPELÃO, PAPEL, PLÁSTICO, MOEDAS ANTIGAS
E CHAVE - 176 X 96 CM
ACERVO DO ARTISTA



EMERSON ROCHA
SÃO ROQUE, SP, 1997

DOR E A GLÓRIA IV, 2024
ACRÍLICA, NANQUIM, LÁPIS DE COR, MARCADOR, PASTA
ACRÍLICA, WAJI E PIGMENTO OURO SOBRE PAPEL KRAFT
50 X 50 CM
ACERVO DO ARTISTA

"...
Não, não vou calar, não vou correr
Nem me sujeitar para te obedecer
Não ouse atravessar, não irá me conter
Não poderá me parar, quem dirá me deter
..."

Asfalto Selvagem - Tássia Reis - 2024

Assim como se deu a construção dessa diversa e expansiva curadoria, vamos por atos voluntários:

Ato I - Subsistência

Em Estudos Sociais, minha matéria favorita na escola primária, aprendi que para seguir viva aqui no Ayiê era imprescindível ter uma vida/ser uma humana subsistente.

Subsistência - minha segunda palavra favorita.
*substantivo feminino

estado das pessoas ou coisas que subsistem; que se mantêm; existência; permanência.
conjunto das coisas essenciais à manutenção da vida; sustento.

Como eu menina negra retinta e periférica seria subsistente nesse mundo cão?

Aos 9 anos, eu encontrei/encarei o meu "primeiro real" problema:
Existir.

Ali no presente, não hoje tão passado, compreendi com as ferramentas que tinha, que respirar não era meu real problema enquanto humana, que desde os 3 anos precisava nadar 3x na semana para seguir aqui viva. Mas sim, que meu BO legítimo era/é ser 'Eu'.

Ter total compreensão de si mesmo é um privilégio nesse mundo onde tudo e todes tentam te confundir e/ou dizer quem você é e deve ser. Mas também é desesperador se dar conta que não há espaço/forma/fórmula para permanecer.

Aquariana que sou, vivo de/e no futuro constante.

Imagine você como é, para mim e meus semelhantes, (sobre)viver em/a uma sociedade que insiste em determinar que o presente tome apenas o passado como referência do que deve ser não só agora, mas também do que virá a ser futuro. No entanto, o grande babado da vida/existência para os futuristas natos, como eu, é captar que aquilo que nos projetam como presente-futuro é o pretérito imperfeito.

Ato II - A Entidade

Figurada como uma grande moita anticolonial, **Indomináveis Presenças** chega criando raízes fortes e fundas, que aos poucos vão gerando seus legados/brotos em seu próprio eixo como um fractal, que vai se expandindo e tocando tudo como a luz do Sol. Camada por camada dominando todo o entorno com sua força florestal, como os guetos, assentamentos, favelas, morros, quebradas e comunidades.

Espadas de Ogum e Osossi que unidas brotam no centro dessa expografia, representam artistas/quilombos/aldeias/territórios/comunidades/humanos/profissionais que compõem a **Indomináveis Presenças**, que por sua vez, nascida/rebento da fecundação de Babà Oculto com Yà Mistério, manifesta-se como uma entidade viva atemporal, andrógina e subsistente, que ocupa/invade/assenta neste presente o que já é futuro.

Se assimilarmos que enquanto indivíduos/humanos somos um presente/bênção/dádiva, e que de fato aqui estamos para semear/fincar um futuro de forma verdadeira, constante, perene, sustentável, subsistente ... Nos dariamos verdadeiramente a importância/valor/relevância que nos cabe por em prática.

Pois aqui estamos para receber a graça, o agrado, a oferta, a colheita, a fortuna, o golpe de sorte e consumir a bênção no agora. Para que assim possamos de fato utilizar o nosso benefício/boa-venturança da e na tal avançada (pós) contemporaneidade.

Façamos então tudo aquilo que já está nos sendo dito/anunciado/proclamado, tudo que já está evidente, posto e provado pelas ciências/culturas/fatos.

Cumpramos e edifiquemos aqui e agora tudo o que temos, com tudo que somos.

Efetueemos com integridade o conhecimento que já foi depositado, pesquisado, escrito até então.

Aceitemos as oferendas nesta ocasião com a completude que elas nos propõem.

Deixemos as cortinas de antigos apaixonamentos coloniais ruírem, para que possamos receber o frescor dos diversos e bons ventos que sopram em múltiplas direções. E que, junto às águas frescas que seguem saltando inodoras das nascentes a caminho do mar, possamos nos banhar e nos hidratar, assim como em suas margens nutrem as matas. Que aqui representadas pelas espadas de Ogum e Osossi, não só cumprem suas funções de beleza/estética e suporte para as obras, mas também como armas, defesas, imunidade e fundamento.

A **Indomináveis Presenças** é como uma deusa guerreira Yorubá, sempre se apresenta com seus trajes e adornos completos. E nessa celebração contestatória se manifesta/expressa com suas ferramentas, armar, armaduras a postos, assim como uma realeza que não traz de forma arrogante/provocativa sua coroa nas mãos, mas sim na cabeça, para que não seja necessário ser anunciado de quem se trata e porque ali se encontra.

Ato III - Andrógina

Aos 6 anos, ao entrar numa loja de departamentos em Salvador-Ba, vi na sessão normativa/binária destinada às meninas um conjunto do personagem Sonic - personagem normativamente destinado/canalizado para meninos - camisa, bermuda e top, era o tipo de roupa que eu sonhava.

Corri até a arara, encontrei um do meu tamanho e, abraçada com aquele sonho em forma de vestes, eu disse com todos as minhas corpos:

"Mãe, compra pra mim, por favor, eu não vou conseguir viver sem ele".

A minha intensa súplica sobre aquela simples roupa era, na real, sobre o fato de que finalmente colocaram na seção para as tais meninas um look de um personagem para os tais meninos.

Eu nasci rebelde, anti-regras, amo um "e", evito ao máximo os "ous".
Sempre tive um olhar para o universo destinado ao masculino como uma possibilidade de, enquanto garota cis, ser diferente das demais meninas e poder viver a minha missão/essência astral como aquariana ao máximo aqui no Ayiê. Que consiste em ser estranha, diferente, inusitada, alien, provocativa, fora-da-caixa.

E naquele dia, após meu expresso pedido, minha mãe perguntou:

- Mas por que você quer tanto esse conjunto? Você nem gosta do Sonic.

E eu disse:

- Porque essa roupa é andrógina.

Minha mãe espantada questionou minha sabedoria de então:

- E você lá sabe o que é andrógina, menina?

E firme e plana do que/quem sou, informei a ela:

- Oxe! Andrógina sou eu, mainha!

E naquele dia, eu compreendi que eu era mais do que uma humana andrógina...

Eu era/sou uma **Indominável Presença**.

Andrógina - minha primeira palavra favorita

*adjetivo substantivo feminino

que ou aquela que apresenta características, traços ou comportamento imprecisos, entre masculino e feminino, ou que tem, notavelmente, características do sexo oposto.



EDGAR AZEVEDO
SALVADOR, BA, 1994

SEM TÍTULO, 2024
SÉRIE - ABLUIR - CORPOS PRETOS,
ÁGUAS SAGRADAS
FOTOGRAFIA DIGITAL, IMPRESSÃO
CANVAS - 120 X 80 CM
ACERVO DO ARTISTA

" No, I won't be silent, I won't run
Neither obey you
Don't you dare crossing, you won't hold me back
You can't stop me, let alone hold me back
..."

Asfalto selvagem – Tássia Reis - 2024

The same way we constructed this diverse and rich curatorship process, let's go through voluntary acts:

Act I – Subsistence

I've learned in social studies, my favorite subject in elementary school, that in order to stay alive here at Ayiê it was necessary to have or to be a subsistent human life.

Subsistence – my second favorite word

*Noun

1. the state of people or things that subsist; remaining alive; existence; permanence.
2. the set of things essential to life maintenance; livelihood.

How would I, a poor and black girl be subsistent in this dog-eat-dog world?

At the age of 9 I found/faced my first real problem:

Existing.

There in the present, not in the past of today, I understood with the meanings I had, that breathing wasn't my real human problem, that since the age of 3 I needed to swim three times a week to stay here, alive. But yes, my real problem was and is being "I".

Having full understanding of oneself is a privilege in this world where everything and everyone make you confuse and/or try to tell you who you are and should be. But it is also frightening to realize there is no space/shape/formula in remaining.

Aquarius as I am, I live from and in the constant future.

Now you just imagine what is it like for me and my equals to live and survive in a society that insists on stating that the present and the future are only composed of the past. However, the great thing about life /existence for futurists like me, is taking that which is given as a present future as a past continuous.

Act II – The Entity

Figured as a great anticolonial bush, *Indomitable Presences* creates strong and deep roots, that slowly start to rise and create its legacies/sprouts around itself like a fractal that expands and touches everything as the sun light does. Layer by layer it dominates all its surroundings with a wildland strength, like ghettos, settlements, favelas, slums and communities.

Ogum and Osossi's swords united arise from the center of the exhibition project and represent the artists/quilombos/villages/lands/communities/humans/professionals that compose *Indomitable Presences*. Born/

sprout out of the fertilization of Babà Oculito with Yà Mistério, it manifests itself like a timeless entity, alive, androgynous and subsistent, that occupies/ invades/ settles in this present what is already future.

If we assimilate that while individuals/ humans we are a gift/blessing and that indeed we are here to spread and create a future in a true and continuous way, sustainable, subsistent and lasting... we would give a real importance/value/relevance to what it is capable for us to put in action.

Because, we are here to receive the grace, the delight, the offer, the harvest, the stroke of luck and consummate the blessings in the moment. So that we can indeed use our benefit/ good fortune of and in the advanced (post) contemporary moment.

Let us do everything that has been said/announced/ proclaimed, everything that is clear, set and proven by the sciences, cultures and facts.

Let us accomplish and enlighten here and now everything that we have, with everything that we are.

Let us continue with integrity the knowledge that was already settled, researched and written so far.

Let us accept the offers in this moment with the fullness they propose.

Let the curtains of ancient colonial love stories crumple, so that we can receive the freshness from good and diverse winds blowing from multiple directions. And that along with the cool waters, falling odorless from its sources into the sea, we can bathe ourselves and hydrate, just like the river nourishes the woods on its borders. Here represented by the swords of Ogum and Osossi, they not only fulfill its beauty/aesthetic functions, holding on the works, but also play a part as weapons, as defense, immunity and stability grounds.

Indomitable Presences is like a Yorubá warrior goddess, always presenting itself in costumes and adornments. In this protest celebration it manifests/expresses with its tools, armors and weapons in hand, just like a royalty that doesn't place its crown arrogantly or offensively in their hands. Instead, it places in their heads, so that is not necessary to announce who it is about and why it is there.

Act III- Androgynous

At the age of five, when I was walking at a department store in Salvador-Ba, I saw in the normative and binary section destined for girls a set of clothing with a print of Sonic, a character usually destined for boys. The set was composed of shorts, shirt and top, being the exact kind of clothes I used to dream about.

I ran to the clothes rack and found one that fit me. Clinging to that dream made of clothes I said with all my bodies:

“Mom, buy it for me, please, I can't live without it”

My intense beg over those simple clothes were, in fact, that they finally placed in the so-called girls section, a character and a look of the so-called boys section.

I was born rebel, anti-rules, I love “and”, and I avoid “or” as much as I can.

I always had an attentive eye to the universe destined for men. That was a possibility while cis girl of being different from other girls and also being able to live my mission/essence as Aquarius, living my fullest here in Ayiê. Therefore, it means I have to be weird, different, unusual, alien, provocative, out-of-the-box.

And, in that day, after I had expressed my wish, my mom asked me:
But why do you want this set of clothing so much? You don't even like Sonic.

And I said:

Because these clothes are androgynous.

My mom, astonished, questioned my wisdom:

And do you even know what androgynous is, little girl?

Steady and plain of what and who I am, I told her:

Oxe! I'm Androgynous, mommy!

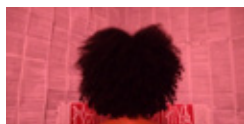
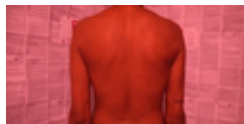
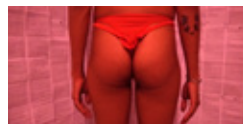
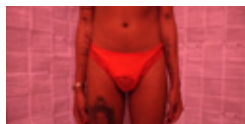
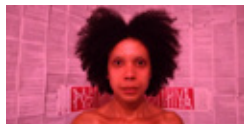
And in that day, I understood that I was more than an androgynous human...

I am/was an **Indomitable Presence**.

Androgynous – my first favorite word

*Adjective

That or who possesses inaccurate characteristics, traits or behaviors, settled between masculine and feminine, or with apparently opposite sex characteristics.



ADU SANTOS
SÃO PAULO, SP, 1990

POSITIVA+VHIVA, 2020
SÉRIE - POSITHIVA+VHIVA
FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA
DIGITAL, IMPRESSÃO FINE ART APLICADA EM
CARTÃO CONSERVAÇÃO - 105 X 210 CM
ACERVO DA ARTISTA

Quando embarquei no projeto que origina a exposição **Indomináveis Presenças**, em outubro de 2023, haviam importantes contornos estabelecidos. O convite foi aceito porque era para celebrar a vida negra, indígena e dissidente das normativas de gênero e sexualidade. Ao longo de meses a exposição perdeu um nome, cresceu e ganhou um corpo no caminho de sua feitura. As intenções iniciais foram desafiadas a cada conversa entre curadoras, artistas, produtoras e equipe técnica. A exposição ergueu-se como floresta a partir de um trabalho curatorial de reconhecimento do que se apresentava como força de reencantamento do mundo; tratava-se de criar espaço e condições para sustentar esse acontecimento.

Feitiço, indeterminação e desobediência

Tudo que queríamos era que a sementeira (nos) vingasse.

Afrontosa dos modos hegemônicos pelos quais habitamos o mundo, **Indomináveis Presenças** apresenta artistas capazes de nos entregar sensações semelhantes às dos sonhos que nos surpreendem quando acordamos — aquele desconforto excitante de sermos atravessadas por algo que ainda não entendemos completamente, a vulnerabilidade que acessamos quando nos tornamos capazes de reconhecer, nesses sonhos, os ecos do que ainda está por vir.

A exposição colabora com o trabalho que tem sido feito por artistas racializadas ao redor do mundo para reflorestar o imaginário coletivo. Está engajada também no trabalho de defender quem morreu e quem ainda não nasceu, e por isso se abre a uma pluralidade de perspectivas, impossíveis de indexar, mas convergentes pelo fato de não estarem conciliadas com as dinâmicas exploratórias dos corpos racializados e de seus territórios pela cisheteronorma. Estudamos as confluências narrativas e as pluralidades de linguagens manifestadas pelas artistas curadas, no desejo de que **Indomináveis Presenças** possa operar a re/decomposição do imaginário colonial.

O feitiço da re/decomposição só pode acontecer na fricção das divergências e na complexidade do que, à primeira vista, pode parecer mera contradição, mas é a condição da vida racializada e dissidente: existir entre-mundos. Na nossa floresta indominável, os lugares de cultivo da saúde e da espiritualidade são indistinguíveis, assim como as imagens do amor e da emancipação caminham lado a lado, na ficção dos arquivos, nas performances de intimidade radical entre as matérias do mundo, nas indisciplinas monumentais, na costura de vestígios que presentifica o passado e, sobretudo, no abandono da iconografia da violência para a transmutação de novas formas.

Curamos no conflito dos afetos profundos, exploramos a ideia de exposição como estudo dos modos pelos quais nossas produções seguem excedendo os modelos cis-hetero e brancos, engendrando forças incapturáveis, capazes de depositar no futuro porções de indeterminação e desobediência, porque presenças indomináveis sabem fazer morada no desconhecido.

Por fim, é importante ressaltar que os textos generosamente escritos e cedidos por Abigail Campos Leal, Correnteza Braba, Jota Mombaça e Jup do Bairro, reunidos neste catálogo sob a forma de ensaios, poesias e ficção, não operam dispositivos da crítica em arte, mas sim atravessam a exposição de maneira transversal, abrindo portais e possibilidades de mediação dos mundos presentes em **Indomináveis Presenças**.

CÍNTIA GUEDES
Curadora

Spell, indeterminacy and disobedience

When I embarked on the exhibit project for *Indomitable Presences*, in October 2023, important contours were already defined. I accepted the invitation to be one of the curators because the exhibit's goal was celebrating black and indigenous lives as well as non-conforming sexualities and genders. As the months went by the exhibit lost one of its names and got a delineated framework as it was being assembled. Its initial intentions were challenged at each conversation between curators, artists, producers and technical team. The exhibit flourished like a forest from a curatorship work that recognized the presence of a power that tried to bring enchantment back to the world. From that, it was necessary to create a space and elaborate the conditions to assist this event.

Everything that we wanted was for the seeding to avenge us.

Confronting the hegemonic meanings through which we inhabit the world, *Indomitable Presences* shows capable artists that give us sensations like the dreams that surprise us when we are awake. They bring the exciting uneasiness of being crossed by something that we still don't fully understand, and the vulnerability we go through when we become capable of recognizing in these dreams, echoes of what is yet to come.

The exhibit works alongside racialized artists around the world and joins with them to the work to reset the collective imagination. It is also engaged in the work of defending those who are already gone as well as those who have not been born yet. Therefore, many perspectives are placed, impossible to catalogue but with the common fact that they are not linked to exploratory dynamics of racialized bodies and cisgendered norms. We studied the confluence of narratives and plurality of languages in the curated artists, with the desire that *Indomitable Presences* operates a re/decomposition of western imagination.

The spell of re/decomposition can only happen in the friction of divergence and in the complexity of what at first sight can look like a simple contradiction, but it is in fact the condition of racialized and nonconformist life: existing in between worlds. In our indomitable forest, the places of health and spirituality nourishment are indistinguishable just like the images of love and liberation present in archive fiction, in performances of radical intimacy between the beings of the world, in monumental lack of discipline, in staying in the wake together, and above all, in abandoning an iconography of violence and placing a transformation of means.

We curated ourselves in the conflict of deep affections. Thus, we explored the idea of exhibit as a study of the way our productions keep exceeding the cisgender and white models, producing a power impossible to capture, capable of setting bits of disobedience and uncertainty in the future, because indomitable presences can make room in the unknown.

Finally, it is important to state that the texts gathered here as essays, poems and fiction, were kindly written by Abigail Campos Leal, Correnteza Braba, Jota Mombaça and Jup do Bairro and do not operate as art criticism. The texts cut across the exhibit in many ways, opening portals and creating possibilities of mediation between worlds in *Indomitable Presences*.

CÍNTIA GUEDES
Curator



MAYARA FERRÃO
SALVADOR, BA, 1993

- 1- FAMÍLIA 3, 2024 - 11 X 11 CM
 - 2- FAMÍLIA, 2024 - 11,5 X 9 CM
 - 3- FAMÍLIA, 2024 - 11,5 X 9 CM
 - 4- FAMÍLIA, 2024 - 11,5 X 9 CM
 - 5- FAMÍLIA, 2024 - 11,5 X 9 CM
 - 6- O BEIJO 3, 2024 - 14 X 9 CM
 - 7- O BEIJO 5, 2024 - 11 X 9 CM
 - 8- O BEIJO 7, 2024 - 13 X 13 CM
 - 9- O BEIJO 8, 2024 - 14 X 9,3 CM
 - 10- O BEIJO 9, 2024 - 20 X 15 CM
 - 11- O BEIJO 12, 2024 - 15 X 10 CM
 - 12- O BEIJO 16, 2024 - 14 X 8,5 CM
 - 13- O BEIJO 20, 2024 - 20 X 16 CM
 - 14- O BEIJO 21, 2024 - 15 X 12 CM
 - 15- O CASAMENTO 1, 2024 - 10 X 19 CM
 - 16- O CASAMENTO 7, 2024 - 10 X 10 CM
 - 17- O CASAMENTO 9, 2024 - 10 X 10 CM
 - 18- O CASAMENTO 10, 2024 - 12 X 8 CM
 - 19- O CASAMENTO 11, 2024 - 12 X 12 CM
 - 20- O CASAMENTO 12, 2024 - 13 X 8,5 CM
- SÉRIE - ÁLBUM DE DESESCUECIMENTOS
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, IMPRESSÃO FINE ART
ACERVO DA ARTISTA



BERNARDO CONCEIÇÃO
LAURO DE FREITAS, BA, 1999

UM CAMINHO ENFEITADO, 2024
SÉRIE - PELO DIREITO DE AMAR NO BRASIL, DO JEITO QUE ACREDITO
PINTURA - ACRÍLICA SOBRE TELA - 133 X 127 CM
ACERVO DO ARTISTA

ruínas por toda parte. o fogo também me refresca.

ela entra na zona de destaxação, está atrás dos cheiros mais valiosos, mas também atenta em relação aos agentes de espancamento. ela pega um C praticamente cheio, junta de forma bela e discreta à sua presença e sai sem pagar. 550 conchas, seis meses de aluguel. eu queria mesmo era roubar terra

mas quando eu roubo o cheiro dessas ervas caras eu crio o mundo que ainda não fecundei. e isso não é nada, pois a terra cheirosa permanece sobre o julgo violento dos assassinos. no entanto, eu sou uma primeira de novo, engatinhando o infinito, já sagaz o suficiente para não menosprezar a semente. depois do roubo vem o fogo. olho longe, os nossos sonhos na gota de um veneno penoso. ouço o canto dos pássaros, é uma tarde quente de inverno, nas sombras das palmeiras faz frio, dois bebês dormem serenos numa enorme canga de veludo azul, ao seu lado cinco cestas com frutas, pães, salgados e dois esfriadores com espumantes, vinhos e sucos, ao fundo dois barcos a 100 metros do mar, ambos ligados por uma ponte híbrida, minha neta puma é a mestre da noite, tocando sons rituais que reverberam por toda a praia pelos portais continuadores. esse é o décimo sétimo ano do Festival ... onde nos reunimos por cinco dias num território retomado para nos fecundarmos, gestarmos e parirmos sonhos

já faz algum tempo, tenho me dedicado ao estudo do prazer. como um tipo de estudo preto, esse processo é, para mim, uma forma de fazer as coisas acontecerem. portanto trata-se não apenas de me fazer bem, mas também de aprender com o bem estar. é assim que ter um estoque vasto e abundante de incensos, para mim, tem sido uma constante graciosa. fazer bem aos meus narizes é muito importante, pois o faro é um dos meus maiores presentes. os perfumes, então, tornam-se pequenos feitiços. uma coisa de prazer. eu gosto de borrifar na cara para que o prazer esteja sempre fresco em meus caminhos. muitas vezes o segredo é soltar. não encurralar o desejo de uma fragrância cara roubada, deixar que ele exploda em minha é apenas o começo. então, percebo que o feitiço é também uma forma de atravessar os tempos e geografias. um encontro inesperado com o suado perfume do solo minha mãe. um escalda pé fumegante do meu outro continente mortal. Floral é o nome daquela nave belíssima, toda branca, numa forma ovalar achatada como uma gota esparramada, cujos vincos de prata são amarronzados pela crosta do tempo, como uma espécie de concha gigante de enorme propulsão. o Cn15 quando me molha e me gruda me deixa tão grande que posso voar. e muitos sentem o aroma desse mergulho. não me interessa saber porque não me sinto sozinha quando ascendo um incenso, o que importa pra mim é poder observar a fumaça dançando ao longe vindo ao meu prazer sem que eu saiba. já está aqui. esse é o mistério da nossa presença obscura

a música é, talvez, a maior das professoras. o gosto de gozar pela primeira vez pela nuca arrepiada por uma canção inesquecível. Itamar Assunção Nega Musica quando você menos espera sempre ouvindo outra vez o gosto daquele prazer sempre mais distante nem venha querendo você se espantar. Pharoah Sander Greeting to Saud o som de nenhuma voz naquele piano os sinos sambando de um lado a outro como uma cama de veludo no meu sonho os chocalhos florestais que chamam o grito alegre das aves ondas como ondas esses acordes então estudo o jazzear do mar o sonho das pirâmides minha casa cheia de erês brincando na piscina de ametista

bom, se eu posso me dar prazer, porque não ter uma coleção de corações em chamas? o maior prazer que já senti na vida foi uma vez que fiz sexo comigo mesma, uma mão na noca outra no pescoço. eu escrevi um poema de doze páginas em homenagem a mim mesma. é sobre esquentar o sangue até bombear o mel, eu aprendi isso com meu cockring preferido e com a primeira sapatão que eu chupei. estudo como vingança de todo amor que não vivi de todo prazer que desejei chorando só de toda beleza que sonhava sem nenhuma esperança. Bum! eu to aqui e eu sei que você me deseja

ruins all over. fire also refreshes me.

she gets in the no taxes zone, is behind the most valuable smells but also careful with the presence of the beating agents. she gets an almost full C, and beautifully and discreetly leaves without paying. 550 shells, six months of rent. I really wanted to steal some earth.

but when I steal the smell of these expensive herbs, I create a world I have not fecundated. and this is nothing, because the earth and its pleasant scents remain under the rules of violent assassins. however, I'm a first again, crawling the unbounded, keen enough to not underestimate the seed. after stealing comes fire. I look far out, our dreams in a drip of a painful poison. I hear the birds singing, it is a hot winter afternoon, in the shadow of palm trees is cold, two babies sleep soundly in a huge piece of blue velvet, next to five baskets filled with fruits, breads, snacks and two coolers with sparkling wines and juices. in the back, at 100 meters from the sea, there are two boats, both connected by a hybrid bridge, my granddaughter puma is the master of the night, playing ritual sounds that reverberate through the beach by the carry-on portals. this is the seventeenth year of the Festival... where we gather for five days in a reinstated land to fecund and gestate ourselves, giving birth to dreams.

it's been a while, I have been dedicating myself to the study of pleasure. as a black study, this process is, for me, a way to make things happen. therefore, is not only about making me feel good, but also to learn with well-being. this is how having a rich and abundant stock of incenses, for me, has been a consistent delicate habit. it is important to treat my nose adequately because a good nose is one of my biggest gifts. perfumes, hence, become small spells. a pleasure thing. I like spraying in my face so that pleasure is always fresh walking with me. a lot of times the secret is to let it go. I don't trap the desire of an expensive stolen scent, I let it explode in me and this is just the beginning. so, I realize the spell is also a way to go across time and geography. an unexpected encounter with the sweaty perfume of my mother's soil. a smoldering foot soak of my other mortal continent. Floral is the name of that beautiful ship, all white, shaped oval like a drop, that has silver brownish creases because of time, like a giant shell with a huge propulsion. The Cn15 when gets me wet sticks on me and leaves me so huge I can fly. and lots feel the scent of this leap. I'm not interested in knowing why I don't feel lonely when I light up an incense, what matters for me is being able to observe the smoke dancing far away and coming to my pleasure without my knowledge. it's already here. this is the mystery of our dark presence.

music is, perhaps, the greatest teacher. the taste of coming for the first time with shivers caused by an unforgettable song. Itamar Assumpção Nega Musica when you least expect always listening again the taste of that pleasure always farther away don't even come wanting to be astonished. Pharoah Sanders Greeting to Saud the sound of no voice in that piano the bells going from one side to the other like a velvet bed in my dream the forest rattles calling for the happy scream of birds waves like waves these chords so I study the sea's jazz the dream of pyramids my house filled with êres playing in the amethyst pool.

well, if I can give myself pleasure, why couldn't I have a collection of hearts in flame? the greatest pleasure I have ever felt was one time I had sex with myself, one hand in my dick and the other in my neck. I wrote a twelve-page poem in honor of myself. it's about heating the blood until it pumps the honey, I've learned that from my favorite cockring and with the first dyke I've ever went down on. I study so I can revenge myself of every love I didn't live and every desire I have felt weeping out of every beauty that dreamt with no hope. Bum! I'm here and I know you desire me.

abigail Campos Leal

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

PARA QUEM POSSA INTERESSAR,
HELEN SALOMÃO É UMA ARTISTA MULTIDISCIPLINAR.
ELA UTILIZA DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS
PARA CONSTRUIR SUAS OBRAS, TAIS COMO
FOTOGRAFIA, ESCRITA, VÍDEO-ARTE E INSTALAÇÕES.
SUAS OBRAS EXPRESSAM SUAS VIVÊNCIAS
E INQUIETAÇÕES, COMO SUA CONEXÃO ESPIRITUAL
E ANCESTRAL, A NUTRIÇÃO PARA O CORPO E A ALMA,
A VALORIZAÇÃO DA NATUREZA QUE SOMOS,
A IMPORTÂNCIA DE ESTAR CONSCIENTE E DA
CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS, O CORPO COMO
ESPAÇO POLÍTICO E O AFETO COMO UM
POTENCIALIZADOR DE CURA.

HELEN SALOMÃO
SALVADOR, BA, 1994

CARTA DE RECOMENDAÇÃO, 2023

DIVERSAS EM MIM

ESCRITA MANUAL EM PLÁSTICO CRISTAL MICA
TRANSPARENTE, AUTO RETRATO IMPRESSO EM
TECIDO CHIFFON E PARTE DE UMA COLCHA
PATCHWORK DE HELENA SALOMÃO - 130 X 90 CM
ACERVO DA ARTISTA



FOTOPERFORMANCE, SONHOS DE UMA AMAZÔNIA SEM FIM, 2024, DE CORRENTEZA BRABA. FOTOGRAFIA DIGITAL: ALESSANDRO FRACTA. IMAGEM CEDIDA PELA ARTISTA PARA COMPOR O TEXTO PARA AS MEMÓRIAS NÃO DESCOLAREM DA MATÉRIA

Encante morada invisível de matérias sensíveis
Passagem retorno à terra-
mistério onde não há divisão entre céu e chão
Segredo o que tua boca
silencia, mas teus olhos contam
Matéria corpo visível suporte do retorno
do invisível.

**Para as memórias
não descolarem da
matéria**

*Escrevo tuas memórias no tempo presente, sei que tu és o agora,
ancestralidade com nome, cor e território.*

Aos pés da mais velha árvore que pariu a Amazônia ressoam os maracás que chamam por teu nome, Mariana. Atravessaste o Atlântico fugida do teu algoz, roubaram seu território. Tapuia te recebe de braços abertos no encontro do mar com o rio, Pindorama acolhe tua beleza, te ensina sobre o mistério. Praia do lençóis, Marajó, Rio Negro, a Amazônia se fez tua morada.

Na travessia deixaste tudo para trás, não esqueceste o teu passado. Te pergunto, o que temos que carregar em nossa matéria? Incensos, conchas, fios de conta, búzios, copo com água, tudo adornava e firmava a sua presença naquele quarto, quarto de minha avó. Ela corria nua pelas ruas até a cabeça ceder à tua passagem, aquilo que chamavam loucura, era tu Mariana, querendo a matéria para retornar a esta terra, beber, fumar, dançar e ensinar feitiço.

É tu, a arara cantadeira que corta o céu no fim da tarde em estardalhaços vocais que nos lembram que a natureza é a vida em nosso entorno, a rainha das curandeiras que mostra cura em meio ao caos.

Tu cantaste alto no céu chamando vó para dançar junto a ti.

Quando pisei em chão sagrado senti tua felicidade em um abraço, tambores tocam fundo do meu peito, parte que nem conhecia de mim e chamam, chamam povo que vem de longe, mas de onde? Onde te encontro, Mariana? Para onde correm os espíritos da mata quando a Amazônia queima? Não é o fogo da tua candeia, nem a fumaça do teu cigarro, eles tentam mais uma vez roubar este território, apagar aquilo que ganhamos da terra, das águas.

Antes que esta candeia apague firmo junto a ti, espírito rebelde do trânsito, que em toda travessia que minha matéria fizer as memórias não se descolarão de mim. Alimentarei este chão com memórias, plantarei palavras como sementes, germinarei sonhos em minha mente. Planto imagens-orações para que o vazio não habite nossas matérias. E ninguém poderá falar sobre o que eu vivi, se não a minha boca.

Tu que retorna a vida em tantas cabeças, em tantas terras, em tantos tempos, me ensina que o sol no norte é forte e que posso ser mais forte que o fim.

Delight, invisible land of manifested material Passage to return to mystery-land where there are no lines between heaven and earth Secrecy is what your mouth silences, but your eyes say Corporeality material body is a visible frame supporting the return of the invisible.

**So that memories
don't peel off the
corporeality**

*I wrote your memories on the present, I know you are now,
ancestry with name, color and land*

At the feet of the oldest tree that gave birth to the Amazon forest, the maracas resonate and call for your name, Mariana. You crossed the Atlantic fleeing your tormentor/harasser, and they stole your land. Tapuia welcomes you with open arms in the meeting of the river with the sea, Pindorama receives your beauty, teaches you about mystery. Lençóis beach, Marajó, Rio Negro, the Amazon lives in you.

In the crossing you left everything behind, you didn't forget your past. I ask you, what do we have to carry in our corporeality? Incense, shells, fios de conta, búzios, a cup with water, all of it garnished and established your presence in the room, my grandmother's room. She ran naked through the streets until her head bended towards you, passing. They called it crazy, but it was you, Mariana, wanting embodiment to return to this earth, drinking, smoking, dancing and teaching sorcery.

It is you, the singing macaw running through the air in the end of the afternoon, reminding us with its cries that nature is life all around us, the queen of healers that can cure everything in the middle of chaos.

You sang high in the skies calling grandma to dance with you.

When I steeped on holy floor I felt your happiness in a hug, drums playing in the back of my chest, a part of me I didn't even know and that was calling, calling people that come from far away, but where do they come from? Where can I find you Mariana? Where do the forest spirits run to when the Amazon burns? It is not the fire from your candle or the smoke from your cigarette, they are trying once more to steal this land, erase that which we got from earth and water.

Before this candle lights off, I'll let you know, rebel traffic spirit, that in each crossing that my corporeality goes through, the memories won't peel off from me. I will feed this ground with memories. I will plant words like seeds and sprout dreams in my mind. I plant prayers as images so that the void doesn't inhabit our corporeality. And no one, aside from my mouth, can say anything about what I lived.

You, returning to life in so many heads, in so many lands, in so many times, teaches me that the sun in the North of Brazil is powerful and that I can be stronger than the end.



UYRA SODOMA
SANTARÉM, PA, 1991

LAMA 35, 2017
SÉRIE - ELEMENTAR LAMA
FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL DE KEILA
SANKOFA, IMPRESSÃO FINE ART - 66 X 100 CM
ACERVO DA ARTISTA

Presas no movimento (na onda)

Deixe ir
Deixe isso cair
Está tudo bem
Deixe vir
Deixe levar todos
Pensamentos para longe
–Beverly Glenn-Copeland
Aqui-Eu-Agora
Sempre aqui de alguma forma
–Bob Kaufman

0

Muitas frequências de uma só vez... Os sentidos mergulham em um vasto mar de ruído... Pensamentos incompletos... Por que está sempre quebrado quando é a nossa vez? Essa é uma pergunta perversa. Relacionamentos dispersos, fragmentos de possibilidade... A cena social impõe sua coreografia, mas com o tempo se estilizando em si mesmo, quantos cortes o horizonte sofrerá para que o palco finalmente desabe? Não a cena do fim ou o fim da cena, apenas, de novo, a transição – outro amanhecer na transformação de todo dia.

2.

Ela sonhou que havia um telefone e uma voz cantando do outro lado. Não tinha nada para ver no sonho, a casa e os móveis não podiam ser descritos. Nada além da sensação de estar lá, no telefone, com a voz. “Uma cacofonia”, ela sussurrou para si mesma para ter certeza de que também tinha uma voz. E, então, repetiu mais alto e esperou a voz responder.

“Aqui está”, disse a voz. Sentada na pedra lisa. Nenhum telefone ou móvel ou casa por perto. Apenas ela. “O que está acontecendo?”, confrontou a voz, tentando acessar qualquer memória que não fosse a linguagem e falhando na tarefa. “Eu ainda estou viva? Essas pedras sempre estiveram aqui? Você realmente está lá? Eu estou realmente aqui? Este é o mundo que eu conhecia?”.

Não havia nada lá para responder ou a voz apenas não se importava o suficiente. O tempo do drama humano não existia mais. Ela teria que aceitar aquilo a qualquer custo. Havia assuntos mais urgentes para lidar naquela hora. A paisagem mudando. O vento incessante. A água fervendo. A espuma radioativa. E, no barulho, essa falta de ar – o silêncio terrível do sufocamento. “Você está perdida”, a voz finalmente disse. “E isso é apenas um detalhe”.

3.

Ela pelo menos podia escutar e estava grata por isso. Lembrou-se dessa música de Green Copeland e decidiu que não era o momento para se desesperar. Essa era a primeira memória que tivera em um tempo. “Isso é o meu passado? Essa memória é uma música?”. Ela estava começando a esquecer as coreografias lineares do tempo, como se todas essas interrogações estivessem dançando em camadas infinitas – mas, ainda assim, procurou por uma operação no tempo, por uma forma de narrar a si mesma essa experiência.

Uma pessoa não pode recordar-se de um momento de interação com o continuum. É muita consciência para ser suportada por uma entidade tão vulnerável. Como ela poderia descansar nesse estado de atenção? Havia sido humana, de qualquer forma. Homo sapiens. Ela não podia se lembrar do antropocentrismo, da modernidade,

do universal, do preto e branco, da cisão entre objeto-sujeito, de suas aulas de filosofia, da globalização, mas o vínculo somático de sua educação estava, nesse ponto, inscrito no tecido profundo como uma vontade de viver no corpo humano e nunca de outra forma.

Ela tentou resistir à transição ao manter-se obsessiva com as mesmas questões: “Quem sou eu? Onde eu estou? Quando é agora? Eu existo?”. Tanto pensamento para nada. A obsessão de colocar a vida para funcionar dentro da lógica. A esperança de localizar e identificar. Toda sua sensação de presença vinha daqueles repetitivos “quem”, “quando” e “onde”. Ela esperava que o questionamento a levasse para a rememoração, e a rememoração de volta para a vida que nunca teve. Ela queria decifrar o código, encontrar o sentido daquilo que é, entender, decifrar, ler, compreender... Viver de maneira humana.

0

Escutar essas palavras no marulho, ou esperar até que seja manhã novamente. Como um sonho, sempre retorna para anunciar a iminência do despercebido, para antecipar o que está por vir; no marulho não há antecipação – apenas vibração, indeterminada.

Portal dos Portais

1

Quando a onda bateu na parede pela primeira vez, a cidade apenas ruiu, tão vulnerável... Destroços, vozes e lágrimas, uma redundância de água. Ela pode até não se lembrar de seu nome, mas eles sentiram sua morte. A imagem dos travesseiros e dos colchões batendo nas pedras na noite clara e brutal continuou surgindo com o passar das estações. Redemoinhos e incêndios repentinos tomaram o interior da cidade. Os elementos unidos, e nenhum ser humano acordado para dar conta dos sobreviventes. Nos seus últimos suspiros, em meio à poluição, um mais velho sussurrou: “o planeta segue seus caminhos”. E se afogou pacificamente.

Eventualmente o oceano recuou, formando uma cama de areia onde todos os traços de destruição dela poderiam descansar, até a próxima pancada. As últimas paredes ainda de pé eram as dela. Uma última promessa de estabilidade. Espalhada. Perdida. Não mais o eixo governante. Agora suscetível às correntes e às ondas. De volta ao planeta.

-1

Uma dobra no tempo se origina da catástrofe. A água continua incessantemente, o agora é interminável, um momento arrebatador em suspensão. A enchente é fluxo e movimento, mas a vida acaba presa em um ciclo de despossessão. Terras tomadas. Aldeias tomadas. A coreografia social colapsa em seu desdobrar, assim como os postes de luz e as árvores – todos encharcados e misturados à lama do futuro. Condenados a prolongar a duração da ruína, o amanhã talvez traga rosas, mas os espinhos foram antecipados.

Alguns humanos realmente entendem que as aves e os insetos estão enlutando o tempo com eles. E que práticas de comunidade ainda fazem a diferença. O pertencimento é um sentimento poderoso, mesmo diante do acaso. A zona temporal de trauma planetário antecipa uma assembleia de enlutados. Desalojados, desapropriados, essa comunidade de planetários em luto avança com suas feridas. Unidos em sua falta de pertencimento compartilhada, eles são os estrangeiros do planeta, os exilados por dentro, aqueles que estão profundamente ligados à Terra e mesmo assim não tem nenhum lugar para ir.

Não ter nenhum lugar para ir confunde o sentido de localização de qualquer um. Esse empurra e puxa tem

um efeito em espiral. Tempo e espaço colapsam. A catástrofe cria uma forma sem fundamento de presença – uma que está prestes a desaparecer, mas que ainda não pode ser apagada das camadas. Latência, iminência. Imanência do corpo como um planeta. Nada está perdido nunca. Mas a mudança é irresistível e o planeta está chegando.

O planeta está chegando

4

“Aqui está”. A voz era clara.

Aqui, não lá. Aqui.

Ao menos ela podia escutar. A voz era constante e tão corporal quanto a água no oceano. Frequências altas, notas queimando, linguagens desaparecendo, tons baixos elementais, o ruído reminescente de máquinas, deterioração da matéria, ambiente sônico geológico e uma infinidade de vozes em variação constante. A memória nunca havia sido perdida. Era uma questão de sintonização. Através da rememoração, ela estava começando a aceitar o que realmente se perdera. A cidade e os cidadãos, seus sonhos de justiça social e inclusão, o ímpeto coletivo de preservar e salvar a possibilidade, as versões do amor das quais era mais próxima... Muitas razões para chorar, e assim que as lágrimas começaram a rolar, ela se lembrou da carne e percebeu que era hora de mapear qual corpo habitava agora.

A água salgada de suas lágrimas estava sendo puxada pela maré. Um mapa borrado de vibrações intensas. “Essa imensidão é meu corpo?”, perguntou. A voz então respondeu: “ah não, criança, nada é seu”. É claro que ela resistiu. “O que então? O que eu sou então? Por que tão vago?”. As lágrimas continuaram a rolar, mas não de um par de olhos. Ela não tinha certeza se havia uma face que se molhava ou separação entre as lágrimas e a imensidão que sentia. Ela lutaria para aceitar uma vida e uma sensibilização sem possuir um si e limites separados. De certo modo, queria deixar isso ir, mas mesmo esse desejo era, de alguma forma, acoplado a uma narrativa de autopercepção que lutava para abandonar.

“O que está chegando para você é apenas o amanhecer”, a voz insistiu. A voz era proteção ou ameaça? A voz era amiga ou inimiga? As questões vieram, mas ela evitou vocalizá-las.

E então a voz retornou, como se fosse possível escutar o infrassom da intenção: “nós estamos apenas aqui. Isso é tudo o que você precisa saber”.

-2

O questionamento sobre o que é audível seria o âmago da escuta apenas se pensarmos na materialidade do som como algo ligado à apreensão humana e, por isso, limitado por uma variedade de cognições sociais e mecanismos interpretativos. A necessidade de interpretar um som, ou fazê-lo funcionar dentro de certa narrativa da percepção, reduz o ato de escutar ao fenômeno da recepção. Porém, o som – como vibração ilimitada – é capaz de transmitir mais do que apenas sentido.

Se escutar é tocar sem amarras, a escuta pode ser praticada com a pele (o solo) e as tripas (o magma), porque acontece abaixo, antes e além da audição. A prática de escuta implica se mover entre as dimensões, as localidades, as sensibilidades, os aparatos cognitivos, modos de atenção e escalas de profundidade no som. Acontece dentro, com e como uma sensação. Porque o som é matéria em movimento, um ser tátil, o que significa que, mesmo quando não é audível, ele toca.

A prática de escutar, portanto, constitui uma relação material, por meio da qual o som interage (pelo toque) com cada pedaço de matéria, ao se mover entre localidades do tempo e do espaço. Nesse sentido, o som transmite essa mesma materialidade dos sentidos – uma batida, um tremor, um golpe, um instante efêmero de conexão... Independentemente de qualquer compreensão discursiva, a tecnologia do som implica um entrelaçamento radical do movimento e da matéria, uma forma de existência planetária cuja crise é sentida como se estivesse desvinculada das restrições de qualquer arquitetura do tempo e do espaço.

0

Pare de pensar demais.

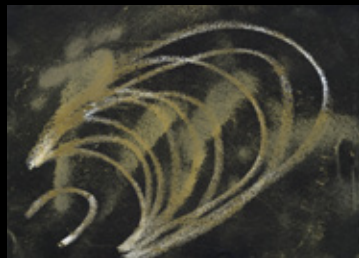
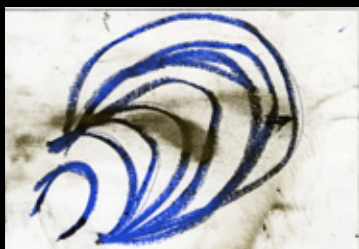
5

O planeta está aqui. Ela finalmente se lembra. A chuva ancestral e a persistência do fogo. A ilusão de perder o planeta era contingente perto da ilusão de ter algum dia o possuído. Nada está perdido para ela e, por mais que tenha resistido a aprender isso, agora se lembra. Não de sua forma ou de sua história, de seu nome ou de sua nação, de sua raça ou gênero... Quando estava perdida na imensidão, finalmente sintonizou a memória de um quadro maior e lembrou-se do dilema que a conecta ao planeta – as formações de gêiser e as coreografias de erupção, a migração de peixes e aves, o colóquio de insetos e o pluriverso de bactérias; ela se lembrou da carne e do minério, da poeira e da areia, do peso das grandes rochas e das emoções oceânicas...

Porque o tempo linear é o próprio ciclo da catástrofe, e uma cena repetitiva tende a confinar a corrente inteira de eventos em seus microversos, toda aquela memória não era suficiente para ela desistir de suas preocupações humanas. Uma urgência de chorar era contingente às memórias da inundação, e o sentimento incapacitante de estar perdida após tantas perdas... Como desistir de seu luto? Suas memórias do trauma e desposseção, suas figurações de esperança e falta de esperança?

“Eu nunca achei que seria tão difícil ser um som.” Ela procurou pela voz, mesmo sabendo agora que a voz não era um ser único, mas uma cacofonia em si mesma. Por fim, sua capacidade de escutar significa que ela é também parte disso. No começo, suspeitou que a voz era uma consciência singular toda-poderosa – como um deus assistindo-a. Ela estava errada. A voz era apenas uma interrupção na sobreposição caótica dos movimentos sonoros, um momento de convergência na divergência, um instante de possibilidade. Sempre foi “uma” voz. Não “a” voz. Um “elxs”, um algo, e um “nós”, não um “eu” – o som (vai para onde o drama migrante não pode ir).

Ela gostaria de gritar e se lamentar, de chorar e esbravejar sobre sua frustração, sua perda... Sentiu que poderia desistir de todas as suas memórias do emaranhamento apenas para ter seu mundo de volta – esse mundo que nunca foi seu... Mas quando, depois de rastejar para fora da dor, ela finalmente deu voz a algo, disse: “sinto que estou entrando em uma nova vida”.



SÉRIE DE DESENHOS FEITOS DURANTE A PRIMAVERA, O VERÃO E O OUTONO DE 2022, ANTES, DEPOIS E DURANTE PERFORMANCES, CANETA GRÁFICA, CARVÃO E PASTEL EM PAPEL, 21 X 29,7 CM (CADA), DA ESQUERDA PARA DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO: O AMANHÃ TALVEZ TRAGA AMOR; COSTELAS; O AMANHÃ TALVEZ TRAGA ROSAS; NÃO DESESPERE; GOLFINHO (LEVE-ME COM VOCÊ); SEM TÍTULO, INCONTROLÁVEL; PÉ DO MORRO NUM DIA ENSOLARADO. CORTESIA DA ARTISTA.

stuck in movement (in the tide)

“Let it go
Let it go down
It’s okay
Let it come
Let it take all
Thoughts away”
Beverly Glenn-Copeland
1986
“Here — me — now — always here somehow”
Bob Kaufman
1959

0.

Too many frequencies at once... The senses submerged in a vast sea of noise... Incomplete thoughts... Why is it always broken when it is our turn? This is a doomed question. Scattered relationships, fragments of possibility... The social scene imposes its choreography, but with time crashing onto itself, how many more cuts in the horizon will take for the stage to finally collapse? Not the scene of the end nor the end of the scene, just transition again — another dawn in the everyday of transformation.

2.

She dreamt she had a phone and there was a voice singing on the other side. There was nothing to see in the dream, no description available of the house or the furniture. Nothing else than the sensation of being there, on the phone, with the voice. ‘A cacophony’, she whispered to herself to make sure she also had a voice. Then she repeated it louder, and waited for the voice to respond.

“Here you are”, the voice said. Seated in the bare rock. No telephone nor furniture nor house. Just her. “What is happening?”, she confronted the voice, trying to access any memory other than language and failing to do it. “Am I still alive? Have these rocks been always here? Have I always lived on this shore? Are you really there? Am I really here? Is this the world as I used to know?”

There was nothing there to respond, or the voice simply did not care enough. The time of human drama was no longer. She would have to accept that at any cost. There were more pressing matters to deal with instead. The landscape changing. The wind unquiet. The boiling water. The radioactive foam. And, in the noise, this shortness of breath — the dire silence of suffocation.

“You are lost”, the voice finally said. “And that’s detail.”

3.

She could listen at least, and for that she was grateful. She remembered this song by Glenn Copeland and decided it was not time for despair. That was the first memory she had in a while. “Is it my past? Is memory a song?”. She was starting to forget the linear choreographies of time, as all these question marks were dancing in an infinite layering — but still she searched for an operation in time, for a form of telling herself the narrative of this experience.

One cannot record a moment of interaction with the continuum. Too much consciousness to be held by such a vulnerable entity. How could her rest in that awareness? She had been human, anyways. Homo sapiens.

She could not remember anthropocentrism, modernity, the universal, black and white, the object-subject division, her philosophy classes, globalization, but the somatic attachment of her upbringing were, at this point, inscribed in the deep tissue as the will to live humanly and never otherwise.

She tried to resist transition by remaining obsessed with the same questions. “Who am I? Where I am? When is now? Do I exist?”. So much thought for nothing. The obsession to make life work within logic. The hope to localize and identify. Her entire sense of presence coming from those repetitive whos, whens and wheres. She hoped that questioning would lead her to remembrance, and remembrance back to the life she never had. She wanted to crack the code, to make sense of what it is, to know, to decipher, to read, to comprehend... To live humanly.

0.

Hear these words in the ocean roar, or wait until it is morning again. As a dream, it always comes to announce the imminence of the unnoticed, to anticipate what is coming; In the roar, there is no anticipation — just the vibration, untimed.

Portal of portals.

1.

When the wave hit the wall for the first time, the city just crumbled, so vulnerable... Debris and voices and tears, a redundancy of water. She might not remember their name, but they have sensed her demise. The image of pillows and mattresses crushing in the rocks of the bright, brutal night kept coming as the season passed. Whirlwinds and sudden fires took the inner city. The elements reunited, and not a single human awoken to account for survivors. In their last breath, an elder whispered against the smog, “the planet has its ways”. And drowned peacefully.

Eventually the ocean receded, forming a bed of sand where all these wrecked traces of her could finally rest, until the next hit. Hers were the last wall standing. The last promise of stability. Scattered. Gone. No longer the governing axis. Now vulnerable to currents and waves. Returned to the planet.

-1.

A fold in time comes out of catastrophe. In the tired watering, the now is endless, an overwhelming moment in suspension. The flood is all flow and movement, but life gets stuck in the loop of dispossession. Land taken. Village taken. The social choreography collapses as it unfolds, along with lampposts and trees — all soaked and mixed in the mud of the future. Condemned to prolong the duration of the ruin, tomorrow may bring roses, but the thorns were anticipated.

Some humans do realize that the birds and the bugs are grieving time with them. And that a practice of community still makes a difference. Even in the face of hazard, belonging is a powerful feeling. The temporal zone of planetary trauma precipitates an assembly of grievors. Uprooted, dispossessed, this community of planetary grievors move along with their wounds. Tied by their shared un-belonging, they are the planet's foreigners, the exiled within, those who are deeply grounded in the Earth and yet have nowhere to go.

Having nowhere to go messes with one's sense of locality. That push and pull have an spiraling effect. Time and space collapse. Catastrophe creates a baseless form of presence — one that is about to vanish and yet cannot be erased from the strata. Latency, imminence. Immanence of the body as planet. Nothing is never lost.

But change is irresistible and the planet is coming.

The planet is coming.

4.

“Here you are”. The voice was clear. Here, not there.
Here.

At least she could listen. The voice were constant, and as physical as the water in the ocean. High-pitched frequencies, burning notes, disappearing languages, elemental undertones, the reminiscent hum of machines, matter deterioration, geological sonic ambiances, and a plethora of voices, moving in constant variation.

Memory had never been lost. It was a question of attunement. Through remembrance, she was starting to accept what she had really lost. The city and citizens, her dreams of social justice and inclusion, the collective rush to preserve and save possibility, the versions of love she was fond of... So many reasons to cry, and as tears began to roll over, she remembered of flesh and she figured that maybe it was time for mapping whatever body she was now dwelling.

The salty water of her tears were pulled by the tides. A blurred map of intense vibration. “Is this vastness my body?”, she asked. The voice, then, replied: “oh no, child, nothing is yours.” Of course she resisted. “What then?”, “Who am I then?”, “Why so vague?”. The tears continued to flow, but not from a set of eyes. She was not sure if there was a face to get wet, or separation between those tears and the vastness she felt. She would struggle to accept life and awareness without self-possession and separation. In a way, she wanted to let it go, but even this desire was somehow attached to a narrative of the self she was struggling to abandon.

“What is coming for you is only dawn”, the voice insisted. Were they a protector or a threaten? Were they an enemy or a friend? These questions occurred to her, but she refrained from voicing them.

And so the voice returned, as if able to listen the infrasound of intention: “We are just here. That is all that is to know.”

-2.

The question of audibility remain at the center of listening only if we accept to think the materiality of sound as one bounded by human apprehension, therefore connected with a limited variety of social cognitions and interpretative mechanisms. The necessity to interpret sound, or to make it function within a certain narrative of perception, reduces listening to the phenomenon of reception, while sound — as vibration unbounded — is capable of transmitting more than just meaning.

If listening is touch untied, it is to be practiced with the skin (soil) and the gut (magma), for it occurs beneath, before and beyond audition. The practice of listening implies moving across dimensions, localities, sensibilities, cognitive apparatuses, modes of attention and scales of depth in sound. It happens in, with and as sensation. For sound is matter in motion, a haptic being, which means that even when it is not audible, it touches.

The practice of listening, thus, constitutes a material relation, through which sound interact (by touch) with every piece of matter, as it moves across localities in time and space. In this sense, sound transmits the very materiality of feeling — a hash, a tremor, a blow, an ephemeral instance of connection... Regardless of any

discursive apprehension, the technology of sound entails a radical weaving of motion and matter, a form of planetary existence whose predicament is to feel as if untied from the constraints of any given architecture of time and space.

0.
Stop overthinking.

5.
The planet is here. She finally remembers. The ancient rain and the persistence of fire. The illusion of losing the planet was contingent to the illusion of having ever owned it. Nothing is lost for her and, as much as she resisted to learn that, now she remembers. Not of her form or her history, her name or her nation, her race or her gender... While lost in the vastness, she finally attuned to the memory of a larger frame, she remembered of the predicament that ties her to the planet — geiser formations and coreographies of eruption, the migration of fishes and birds, the colloquium of bugs and the pluriverse of bacteria; she remembered flesh and ore, dust and sand, the weight of big rocks and oceanic emotions...

Because linear time is the very cycle of catastrophe, and a repetitive scene tends to confine the entire chain of events into its microverse, all that memory was not enough for her to give up on her human concerns. An urge to cry was contingent to the memories of the flood, and the disabling feeling of being lost, after so much loss... How to give up of her grieving? Her memories of trauma and dispossession, her figurations of hope and hopelessness?

"I never thought it would be so hard to be a sound." She reached for the voice, even though she was now aware the voice wasn't a single being, but a cacophony in itself. At last she could listen, which means that she was part of it. In the beginning, she suspected that the voice was an all powerful conscious singularity — a god-like being watching her. She was wrong. The voice was simply an intermission in the chaotic over-layering of sonic motion, a moment of convergence in divergence, a glimpse of possibility. It has always been 'a' voice. Not 'the' voice. A 'they' and a 'it' and a 'we', not an 'I' — sound (goes where the migrant drama cannot).

She wanted to scream and lament, to cry and rant about her frustration, her loss... She felt that she would give up all those memories of the entanglement just to have her world back — this world that was never hers... But when, after crawling out of her hurt, she finally voiced something, instead she said: "I feel that I am tapping into a new life."



RAFAELA KENNEDY
MANAUS, AM, 1994

FAMÍLIA VASKES, 2020
SÉRIE - FAMÍLIA VASKES
FOTOGRAFIA DIGITAL, IMPRESSÃO FINE ART
- 120 X 80 CM
ACERVO DA ARTISTA

Em meio ao caos de um mundo em desarmonia,
Frágil como a brisa que toca minha pele cor de breu,
A vida se desenrola, como um fio de teia,
Me enrolo em minha pupa metálico-dourada.
Eu já estive aqui.
Já me rebeleí aqui.
Lembro de não me adaptar às regras, à rotina imposta,
Em minhas asas, levo a força da resistência,
Metamorfose constante, a alma se aposta,
Num voo ousado, busca de essência. Existência.
Fugindo das sombras que a vida me traz num passado que reverencio.
Mas já não me cabe.
Desperto em cores, um espetáculo raro,
Cada batida de asas é um grito de paz,
Um símbolo vivo de um futuro que veio do presente.
E mesmo na fragilidade, há beleza,
Na dança do tempo, na luta, no amor,
O eu-borboleta me ensina a certeza:
De que, mesmo em caos, renasce a flor.
Eu sei pois já estive aqui.
Sonhos são asas que nos levam além,
Se não fosse o sonho, eu não voltava.
Na incerteza, encontro o caminho,

E, ao me despir de tudo que é ninguém,
Descubro a força que existe em nosso ninho.
Na sombra do silêncio, um segredo se guarda,
Crisálida serena, em seu casulo a dançar,
Lugar apertado, escuro como eu. Vejo tudo.
Um lar de esperanças, onde a vida me aguarda,
O momento exato de me transformar. Mas me transtorno.
As paredes que cercam são feitas de sonhos,
e eu me lembro de estar em busca de luz, entre anseios e incertezas.
O tempo, um artista, molda a sua forma,
Em cada batida, a essência se refina.
Eu já estive aqui, lembro de você.
Lembro de uma liberdade aguardada, um grito contido.
Lembro seu voo, um símbolo de renascimento,
De que na espera há beleza e dor,
E que cada transformação, em seu momento,
É um passo valente em direção ao novo.
Nós já estivemos aqui.

“I have been here”

In the middle of the chaos of a falling-out world
Fragile as the wind that touches my dark skin
Life unfolds as a thread of the web
I roll myself in my gold metal pupa
I have been here
Have rebelled myself here
I remember not adapting to the rules, to the demanded routine
In my wings I carry the resistance's strength,
An ongoing metamorphosis, the soul is bet
On a risky flight, searches the essence. Existence.
Fleeing the shadows that life brings me in a past I bow to.
But it doesn't fit me anymore.
I awake in colors, a rare spectacle,
Each flapping of the wings is a peace cry
A rare living symbol of a future that came from the present.
And even in brittleness there is beauty
In the dance of time, in fight, in love,
Butterfly me teaches certitude:
Even in chaos the flower is born again.
I know because I have been here.
Dreams are wings that take us beyond,
If it was not for the dream, I wouldn't come back
Amid uncertainty, I find the path,

And when I strip myself of everything that is nobody,
I find out the strength that lies in our nest.
In the shadow of silence, a secret is kept,
A serene chrysalis dancing in its pod,
A tight place, dark as I am. I see it all.
A place of hopes, where life waits for
the exact moment to rearrange me. But I derange myself.
The walls surrounding me are made of dreams,
And I remember looking for the light, among yearnings and uncertainties.
Time, an artist, shapes his figure
In each beat, the essence is refined.
I have been here, I remember you.
I remember an awaited freedom, a restrained cry.
I remember your flight, a symbol of rebirth,
That shows beauty and pain in waiting,
And points that each transformation, in its moment,
Is a brave step towards the new.
We have been here.

VENTURA PROFANA

OBRA SONORA ORIGINAL
INDOMINÁVEIS PRESENÇAS 2024

**Escaneie o QR Code e
acesse a trilha sonora
na página da exposição.**



Direção - VENTURA PROFANA
Edição de som - QUALQ
Arquivos - VENTURA PROFANA
Percussão - ANA MAGA
Saxofone - STELA NESRINE
Mixagem - DIOGO SARCINELLI



GÊ VIANA
SANTA LUZIA MARANHÃO, 1986

TUDO QUE HÁ DE BONITO ENTRE NÓS / 2024
SÉRIE - SAPATONA
COLAGEM DIGITAL SOBRE ALEX AGBAGLO I KEÏTA,
IMPRESSA EM FINE ART - 100 X 80 CM
COLAGEM DIGITAL, IMPRESSÃO FINE ART
ACERVO DA ARTISTA



JUH ALMEIDA
CATU, BA, 1989

SEM TÍTULO, 2022

SÉRIE - SAPATONA

SÉRIE - PODE O AMOR ME SALVAR?, 2022 - 77 X 120 CM

FOTOGRAFIA ANALÓGICA ILFORD HP5 ISO 400,

IMPRESSÃO FINE ART

ACERVO DA ARTISTA

ARTISTAS

ADU SANTOS

SÃO PAULO/SP

Graduanda em Museologia pela UFRB, Adu Santos pesquisa a chegada das instituições ao Brasil e seus impactos no imaginário coletivo, explorando tensões entre ausências e presenças no discurso oficial a partir da museologia social. Atua em pesquisa, processos artísticos multilinguagem, curadoria e produção criativa. É bolsista FAPEX no MEASB e integra o núcleo de curadoria do Cineclube Mário Gusmão e o labMUSsRB - Laboratório de Museologia Social da UFRB.

A graduate student in Museology at UFRB, Adu Santos researches the arrival of institutions in Brazil and their impacts on the collective imagination, exploring tensions between absences and presences in the official discourse from social museology. She works with research, multilingual artistic processes, curatorship and creative production. Currently, she is a FAPEX fellow at MEASB and is part of the curatorial center of Cineclube Mário Gusmão and labMUSsRB - Laboratory of Social Museology of UFRB.

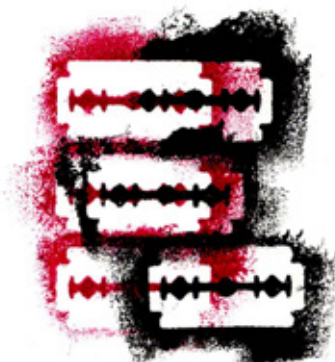


P/A "LÂMINA 1" 126
2022

LÂMINA 1, 2022

SÉRIE - LÂMINAS

GRAVURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DA ARTISTA



P/A "LÂMINAS" 126
2022

LÂMINA 3, 2022

SÉRIE - LÂMINAS

GRAVURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DA ARTISTA

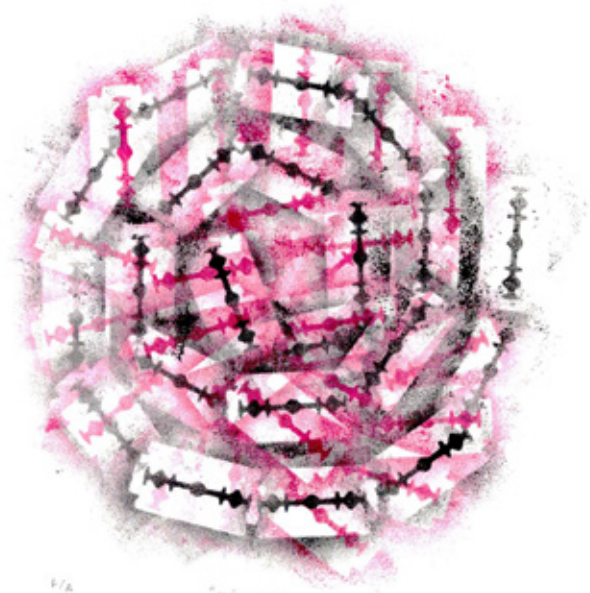


P/A "LÂMINA 2" 126
2022

LÂMINA 2, 2022

SÉRIE - LÂMINAS

GRAVURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DA ARTISTA



P/A "MÚLTIPLA" 126
2022

MÚLTIPLA, 2022

SÉRIE - LÂMINAS

GRAVURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DA ARTISTA

BERNARDO CONCEIÇÃO

SALVADOR/BA

Artista multidisciplinar de Itinga, bairro da periferia satélite de Salvador, Bernardo Conceição sempre desafiou os limites do que seus olhos podiam ver, explorando novas formas de enxergar o mundo. Integra o acervo de arte moderna da Bahia pelo MAM-BA e participa da exposição Raízes no MUNCAB (Museu Nacional de Cultura Afro-Brasileira). É fundador da marca de moda e criatividade SEMPREVIVO__.

A multidisciplinary artist from Itinga, a neighborhood in the satellite outskirts of Salvador, Bernardo Conceição has always challenged the limits of what his eyes could see, exploring new ways of looking to the world. He is part of the modern art collection of Bahia by MAM-BA and participates in the exhibition Raízes at MUNCAB (National Museum of Afro-Brazilian Culture). The artist is also the founder of the fashion and creativity brand SEMPREVIVO__.



NÃO SE ENGANE COM A BELEZA, FOI A MATA QUE CRIOU, 2024

**SÉRIE - PELO DIREITO DE AMAR NO BRASIL,
DO JEITO QUE ACREDITO**
PINTURA - ACRÍLICA SOBRE TELA
197 X 127 CM
ACERVO DO ARTISTA



PRESENTE DO/NO BRASIL, 2024

**SÉRIE - PELO DIREITO DE AMAR NO BRASIL,
DO JEITO QUE ACREDITO**
PINTURA - ACRÍLICA SOBRE TELA
202 X 143 CM
ACERVO DO ARTISTA



MEU AMOR É OURO, 2024

SÉRIE - PELO DIREITO DE AMAR NO BRASIL, DO JEITO QUE ACREDITO
FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA

BIXA TROPICAL

SALVADOR/BA

Márcio Costa, vulgo “Bixa Tropical” é um artista cujas obras vibrantes e dramáticas resgatam memórias afetivas e celebram a liberdade corporal. Sua “arte quente e ardente” explora o tropicalismo brasileiro com cores intensas e personagens despidos, sem nenhuma vergonha na cara.

Márcio Costa, aka “Bixa Tropical” is an artist whose vibrant and dramatic works rescue affective memories and celebrate bodily freedom. His “hot and fiery art” explores Brazilian tropicalism with intense colors and naked characters, without any bit of shame.



AMARELO NÃO, 2023

SÉRIE - BIXA TROPICAL
PINTURA - TINTA
ACRÍLICA MATE SOBRE
PAPEL CANSON/300G
- OBRA EXIBIDA EM
SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



SALA DOS REFRESCOS
1/3, 2024

SÉRIE - BIXA TROPICAL
PINTURA - TINTA
ACRÍLICA MATE SOBRE
PAPEL CANSON/300G
- OBRA EXIBIDA EM
SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



CHEIROSA, 2023

SÉRIE - BIXA TROPICAL
PINTURA - TINTA
ACRÍLICA MATE SOBRE
PAPEL CANSON/300G
- OBRA EXIBIDA EM
SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



QUINTA-FEIRA
E EU, 2023

SÉRIE - BIXA TROPICAL
PINTURA - TINTA
ACRÍLICA MATE SOBRE
PAPEL CANSON/300G
- OBRA EXIBIDA EM
SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA

COSMOS BENEDITO

CORUMBÁ/MS

Artista autodidata, escritor, historiador e produtor cultural, Cosmos Benedito cria a partir de diálogos entre artes visuais, instalação, memória e translinguagens. Pessoa transmasculina, originário em retomada, autista e deficiente auditivo, sua obra reflete a descolonização dos modos de ser, abordando o corpo como materialidade fronteira. que Suas criações exploram temas como ancestralidade indígena, memória-corpo e a continuidade da vida no Pantanal Sul-Mato-Grossense. Suas obras partem de uma cosmopercepção que fala das fronteiras que viveu e vive, transitando entre colagem, audiovisual e performances disruptivas.

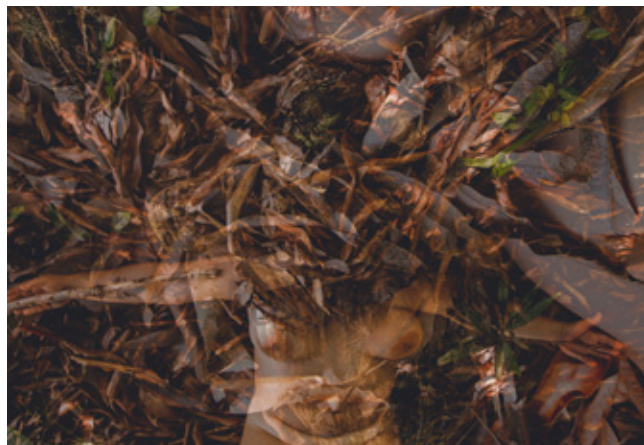
A self-taught artist, writer, historian and cultural producer, Cosmos Benedito creates his works from dialogues between visual arts, installation, memory and translanguages. A transmasculine person returning to his ancestry, autistic and hearing impaired, he reflects about the decolonization of ways of being, addressing the body as a material border in his works. They explore themes such as indigenous ancestry, body-memory and the continuity of life in Mato Grosso do Sul's Pantanal. His works come out from a cosmoperception that speaks about the borders he lived and lives, working with collage, audiovisual and disruptive performances.



OLHO, 2020

SÉRIE - EU NÃO ESTOU AQUI

ACRÍLICA, CIPÓ DE JIBÓIA, CERÂMICA, COCÔ, ESTIGMA DE MILHO SOBRE MADEIRA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2020

SÉRIE - EU NÃO ESTOU AQUI

FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2020

SÉRIE - RETOMADA

FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2020

SÉRIE - EU NÃO ESTOU AQUI

FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE DIGITAL
ACERVO DO ARTISTA

EDGAR AZEVEDO

SALVADOR/BA

Fotógrafo autodidata de Salvador, Edgar Azevedo se destaca por capturar emoções e celebrar a diversidade e complexidade da experiência humana. Suas obras transitam entre o real e o imaginário, explorando a singularidade de cada ser e convidam o público a olhar para a diferença com admiração e respeito. Com um estilo descrito como emocional e expressivo, foi indicado pelo British Fashion Council | NEW WAVE: Creatives em 2019 como um dos 50 criativos globais. Já colaborou com marcas e revistas como Vogue Brasil, Elle Brasil, Glamour e teve publicações na DAZED e The Independent. Em 2023, foi incluído na lista dos 21 nomes mais influentes do mercado pela Forbes Life.

A self-taught photographer from Salvador, Edgar Azevedo stands out for capturing emotions and celebrating the diversity and complexity of the human experience. His works move between the real and the imaginary, exploring the uniqueness of each being and inviting the public to look at difference with admiration and respect. With a style described as emotional and expressive, he was nominated as one of the top 50 global creative persons by the British Fashion Council | NEW WAVE: Creatives in 2019. He has collaborated with brands and magazines such as Vogue Brasil, Elle Brasil, Glamour and was published in DAZED and The Independent. In 2023, he was included in the list of the 21 most influential names in the market by ForbesLife.



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - ABLUIR - CORPOS PRETOS, ÁGUAS SAGRADAS
 FOTOGRAFIA DIGITAL, IMPRESSÃO CANVAS - 80 X 107 CM
 ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - ABLUIR - CORPOS PRETOS, ÁGUAS SAGRADAS
 FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
 ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - ABLUIR - CORPOS PRETOS, ÁGUAS SAGRADAS
 FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
 ACERVO DO ARTISTA



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - ABLUIR - CORPOS PRETOS, ÁGUAS SAGRADAS
 FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
 ACERVO DO ARTISTA

EMERSON ROCHA

SÃO ROQUE/SP

Artista visual afro-brasileiro, Emerson Rocha explora as experiências e o cotidiano da população negra no Brasil, um dos países mais racistas do mundo. Suas composições utilizam o azul, obtido pela junção de tinta acrílica e anil africano, junto com o dourado e o branco como elementos centrais. Formado em Arte: História, Crítica e Curadoria pela PUC-SP, Emerson usa o Instagram como plataforma para divulgar, difundir ideias e comercializar suas obras. Sua arte busca desmistificar o corpo negro, abordar a homoafetividade periférica e trazer luz a temas como sonhos e futuro.

An Afro-Brazilian visual artist, Emerson Rocha explores the experiences and daily lives of black population in Brazil, one of the most racist countries in the world. His compositions use blue, obtained by mixing acrylic paint with African indigo and gold and white as central elements. Graduated in Art: History, Criticism and Curatorship from PUC-SP, Emerson uses Instagram as a platform to spread ideas and commercialize his works. His art seeks to demystify the black body addressing poor homosexuality with affection and presents themes such as dreams and future



O QUE SEI SOBRE O AMOR EU APRENDI COM VOCÊ, 2024

SÉRIE - QUANDO GAROTOS NEGROS (SE) AMAM
 ACRÍLICA, NANQUIM, LÁPIS DE COR, MARCADOR, PASTA
 ACRÍLICA, WAJI E PIGMENTO OURO SOBRE PAPEL KRAFT EM
 MOLDURA ARTESANAL - 52 X 52 CM
 ACERVO DO ARTISTA



MADRUGADA, 2024

ACRÍLICA, NANQUIM, LÁPIS DE COR, MARCADOR, PASTA
 ACRÍLICA, WAJI E PIGMENTO OURO SOBRE PAPEL KRAFT EM
 MOLDURA ARTESANAL - 50 X 50 CM
 ACERVO DO ARTISTA



(RE)NASCIMENTO, UM PRETO EM FEBRE, 2021

PINTURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
 ACERVO DO ARTISTA



HATHOR, 2022

PINTURA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
 ACERVO DO ARTISTA

GÊ VIANA

SANTA LUZIA/MA

Graduanda em Artes Visuais pela UFMA, Gê Viana cria entre o quintal de casa e as ruas, unindo colagem digital e manual com pintura.

Sua pesquisa utiliza imagens de arquivo e a memória oral de sua família para confrontar a cultura hegemônica e seus sistemas de arte e comunicação. Pensa a história de seu povo Anapuru e o cotidiano afro-diaspórico e indígena do território maranhense e propõe a desenvolver novas narrativas e inventários que celebrem dignidade e felicidade. Com a técnica Lambe-Lambe para retratos, suas obras, ao serem devolvidas às ruas, assumem um papel político e estético, constituindo uma pesquisa viva e transformadora.

Graduated in Visual Arts from UFMA, Gê Viana creates art amidst their backyard and the streets, combining digital and manual collage with painting. Her research uses archival images and oral memory of her family to confront the hegemonic culture with its art and communication systems. She thinks about the history of her Anapuru people and the Afro-diasporic and indigenous daily life of Maranhão and proposes to develop new narratives and inventories that celebrate dignity and happiness. With Lambe-Lambe technique for portraits, the works return to the streets and become a political and aesthetic statement, presenting an alive and ongoing research.



ACONCHEGO MÃOS TRÊMULAS, 2024

SÉRIE - SAPATONA

COLAGEM DIGITAL, IMPRESSA EM FINE ART - 101 X 100 CM
ACERVO DA ARTISTA



UM LOUCO DIA. ENCARAR COM CARINHO, 2019

SÉRIE - SAPATONA

COLAGEM DIGITAL SOBRE COLIN JONES, IMPRESSA EM FINE ART
OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



GARRADIN NO REGGAE, 2018

SÉRIE - SAPATONA

COLAGEM DIGITAL SOBRE CARLES SOLÍS - OBRA
EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SEM TÍTULO, 2020

SÉRIE - SAPATONA

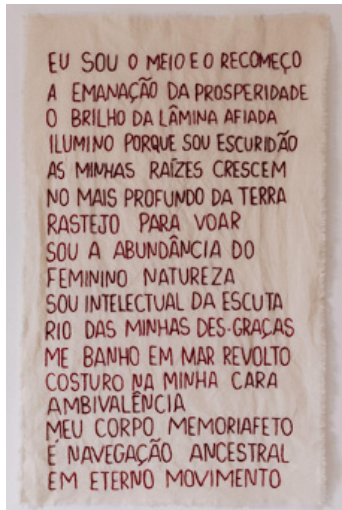
COLAGEM DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA

HELEN SALOMÃO

SALVADOR/BA

Artista multidisciplinar, Helen Salomão explora a fotografia, videoarte, escrita e instalações para investigar modos de existência. Seu trabalho conecta corpo e alma, tempo, espaços, saberes, nutrição, identidade e memórias, enquanto aborda espiritualidade, ancestralidade e o afeto como potência de cura. Participou de exposições como "Axé Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis" (Fowler Museum at UCLA, 2017) e "Somos aquelas que permeiam o abismo em busca das frestas" (Instituto Tomie Ohtake, 2021). Suas obras propõem reflexões profundas sobre a conexão entre indivíduo e coletivo.

A multidisciplinary artist, Helen Salomão works with photography, video art, writing and installations, investigating different modes of existence. Her work connects body and soul, time, space, knowledge, nutrition, identity and memories, while addressing spirituality, ancestry and affection as a healing power. She participated in exhibitions such as "Axé Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis" (Fowler Museum at UCLA, 2017) and "Somos aquelas que permeiam o abismo em busca das frestas" (Tomie Ohtake Institute, 2021). Her works propose deep reflections on the connection between the individual and the collective.



DIVERSAS, 2024

SÉRIE - DIVERSA EM MIM

BORDADO EM TECIDO DE ALGODÃO CRU
66 X 42 CM
ACERVO DA ARTISTA



PROFUSA, 2023

SÉRIE - DIVERSA EM MIM

AUTORRETRATO - FOTOGRAFIA DIGITAL
OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ, 2023

SÉRIE - DIVERSA EM MIM

AUTORRETRATO - FOTOGRAFIA DIGITAL, IMPRESSA
EM PAPEL CANSON EDITION ETCHING RAG
310G/M², COM PINTURA DE GIZ PASTEL OLEOSO
OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SEM TÍTULO, 2023

SÉRIE - DIVERSA EM MIM

FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA

JUH ALMEIDA

CATU/BA

Juh Almeida é uma artista que transita entre São Paulo e Rio de Janeiro, mesclando vida e arte desde 2010. Seu trabalho explora afrovisualidades por meio da fotografia e do cinema, com uma abordagem poética, experimental e documental. Graduada em Artes com foco em Cinema pela UFBA e atualmente mestranda em Cinema na USP, Juh utiliza sua arte para construir novos imaginários, entendendo-os como ferramentas revolucionárias e de transformação social.

Juh Almeida is an artist who travels between São Paulo and Rio de Janeiro, entangling life and art since 2010. Her work explores Afrovisualities through photography and cinema with a poetic, experimental and documentary approach. Graduated in Arts with a focus on Cinema from UFBA and currently a master's student in Cinema at USP, Juh uses her art to create new imaginaries, understanding them as revolutionary tools for social transformation.



SAUDADE, 2023

SÉRIE - SAUDADE

FOTOGRAFIA ANALÓGICA ILFORD HP5
ISO 400 - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SAUDADE, 2023

SÉRIE - SAUDADE

FOTOGRAFIA ANALÓGICA ILFORD HP5 ISO 400 - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SAUDADE, 2023

SÉRIE - SAUDADE

FOTOGRAFIA ANALÓGICA ILFORD HP5 ISO 400 - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA

LUCAS COREIRO

ITAPETINGA/BA

Lucas Cordeiro é um artista visual baiano que explora as interseções entre espiritualidade, memórias ancestrais e contemporâneas através da fotografia e da escultura. Seu trabalho é caracterizado por criações que integram elementos simbólicos e estéticos, promovendo uma reflexão sobre as dimensões espirituais e culturais.

Lucas Cordeiro is a visual artist from Bahia that explores the crossing of spirituality and ancestral and contemporary memories through photography and sculpture. His work is known for combining symbolic and aesthetic elements, promoting a reflection about spiritual and cultural aspects.



SAUDADE, 2023

SÉRIE - SAUDADE
FOTOGRAFIA ANALÓGICA ILFORD
HP5 ISO 400 - OBRA EXIBIDA
EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



ENCONTRO, 2024

SÉRIE - ARMADURAS: FORÇA DO ENCONTRO
ESCUPTURA: COLAGEM DE ABAS DE BONÉS E
PLACAS DE CIRCUITO IMPRESSO, EM SUPORTE
DE FERRO. - 80 X 25 X 12 (ESCUPTURA) + 160 X
10CM DE DIÂMETRO
(2X SUPORTE)
ACERVO DO ARTISTA



ARMADURAS 7, 2024

**SÉRIE - ARMADURAS:
FORÇA DO ENCONTRO**
FOTOGRAFIA ANALÓGICA FILME
120MM - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DO ARTISTA

MAYARA FERRÃO

SALVADOR/BA

Artista visual e diretora criativa, Mayara Ferrão explora fotografia, ilustração, pintura e direção de cena para pautar narrativas de corpos negros, originários e dissidentes. Graduada em Artes Visuais pela UFBA, sua produção atravessa questões de ancestralidade, gênero, raça e cultura afro-brasileira. No audiovisual, dirigiu filmes como “Orixás Center” e “Abian”, premiados em festivais nacionais e internacionais. Também criou capas para obras de autoras de destaque no feminismo negro e teve seu trabalho publicado em veículos como Le Monde Diplomatique e Vogue, destacando-se na construção de novas visualidades.

A visual artist and creative director, Mayara Ferrão explores photography, illustration, painting and film direction, setting narratives of black, native and dissident bodies. Graduated in Visual Arts from UFBA, her production goes through issues of ancestry, gender, race and Afro-Brazilian culture. In audiovisual, she directed films such as "Orixás Center" and "Abian", that were nationally and internationally awarded on festivals. She also designed covers for works by prominent authors in black feminism and had her work published in vehicles such as Le Monde Diplomatique and Vogue, standing out in the construction of new visualities.



O BEIJO 2, 2024

SÉRIE - ÁLBUM DE DESESQUECIMENTOS

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, IMPRESSÃO FINE ART - 75 X 50 CM
ACERVO DA ARTISTA



O BEIJO 4, 2024

SÉRIE - ÁLBUM DE DESESQUECIMENTOS

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, IMPRESSÃO FINE ART - 75 X 54 CM
ACERVO DA ARTISTA

PANAMBY

SÃO PAULO/SP - SÃO LUIS/MA

Artista multidisciplinar, des-ensinadore e mãe/mamão, Elton Panamby explora a criação poética a partir de limites psicofísicos e práticas corporais, sonoras e oníricas. Suas obras transitam entre experiências rituais, aparições e visagens, com uma abordagem que evoca o invisível e comunica em outras línguas. Atualmente, dedica-se à pesquisa em sonoridades como prática poética escura, instigada pelos processos de gestação e parto, como tentativa de tanger o invisível, evocar e comunicar em outras língua-gens.

A multidisciplinary artist, uneducator, and PaMa (non-binary parent), Elton Panamby explores poetic creation from psychophysical limits and also body practices, involving sound and oneiric art investigations. The artist moves between ritual experiences, apparitions and visages, evoking the invisible and communicating in other languages. Currently, they are dedicated to research sound as a dark poetic practice, instigated by the processes of pregnancy and childbirth as an attempt to grasp the invisible, and to evoke and communicate in other languages.



ENRAIZAR, 2018

FOTOGRAFIA DIGITAL DE LÚCIA ROSA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DO ARTISTA



ENRAIZAR, 2018

FOTOGRAFIA DIGITAL DE CAROLLA RAMOS - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DO ARTISTA

RAFA BQUEER

BELÉM/PA

Artista visual e performer, Rafa Bqueer atua de forma transdisciplinar entre arte-educação, moda, escolas de samba e arte contemporânea.

Graduadx em Artes Visuais pela UFPA, sua prática aborda questões raciais e LGBTQIA+ através da performance. Participou de exposições em instituições como o MAK Center em Los Angeles, o Museu de Arte do Rio e o MASP, além de residências internacionais como AnnexB em Nova York. Premiadx na Bolsa de Fotografia ZUM e no Prêmio FOCO Art Rio, seu trabalho integra coleções de museus como o MAR e o MAM Rio, consolidando-se no circuito artístico nacional e internacional.

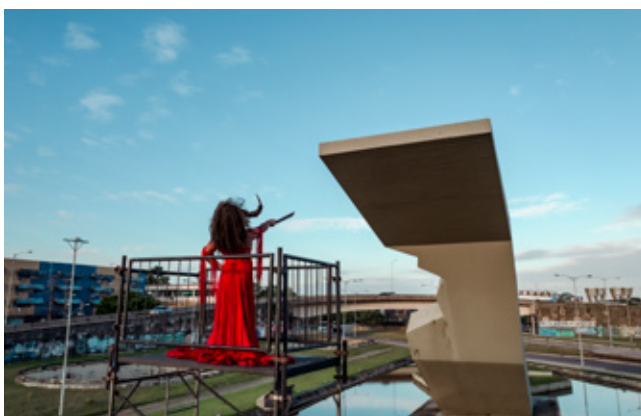
Visual artist and performer, Rafa Bqueer develops transdisciplinary works with art-education, fashion, samba schools and contemporary art. Graduated in Visual Arts from UFPA, their practice addresses racial and LGBTQIA+ issues through performance. They participated in exhibitions at institutions such as MAK Center in Los Angeles, Museu de Arte do Rio and MASP, as well as international residencies such as AnnexB in New York. They were awarded with the ZUM Photography Scholarship and the Foco Art Rio Award, and their work integrates collections from museums such as MAR and MAM Rio, consolidating them in the national and international artistic circuit.



OYÁ, 2023

SÉRIE - IMAGENS DE REVOLTA

FOTOPERFORMANCE - REGISTRO FOTOGRAFIA DIGITAL DE PAULO EVANDER - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



OYÁ, 2023

SÉRIE - IMAGENS DE REVOLTA

FOTOPERFORMANCE - REGISTRO FOTOGRAFIA DIGITAL DE PAULO EVANDER - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



OYÁ, 2023

SÉRIE - IMAGENS DE REVOLTA

FOTOPERFORMANCE - REGISTRO FOTOGRAFIA DIGITAL DE PAULO EVANDER - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA

RAFAELA KENNEDY

MANAUS/AM

Artista visual amazônica, Rafaela Kennedy utiliza a fotografia para reescrever histórias apagadas pela colonização, abordando suas raízes indígenas e diversidades de gênero. Como travesti e pessoa de ascendência indígena e negra, Rafaela naturaliza e valoriza corpos que estão à margem da representação, criando novos imaginários que rompem com estereótipos. Em 2023, participou da exposição “REBOJO” em Londres e, em 2022, integrou “Um Espelho na História” na Galeria Almeida & Dale, recebendo o “Woman Artist Residency Award” na Zona Maco (Cidade do México). Suas obras convidam à reflexão sobre as hegemonias e a representatividade de narrativas invisibilizadas.

An Amazonian visual artist, Rafaela Kennedy uses photography to rewrite stories erased by colonization, addressing her indigenous roots and gender diversity. As a transvestite and a person with indigenous and black roots, Rafaela naturalizes and values bodies that are on the limits of representation, creating new imaginaries that refuse stereotypes. In 2023, she participated in the exhibition “REBOJO” in London, and, in 2022, she integrated “Um Espelho na História” at Galeria Almeida & Dale, receiving the “Woman Artist Residency Award” in Zona Maco (Mexico City). Her works invite us to reflect about hegemonies and representation of invisible narratives.



SEM TÍTULO, 2023

SÉRIE - LAMENTO

*FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA*

CAMINHOS ABERTOS, 2022

SÉRIE - CAMINHOS ABERTOS

*FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA*

TRAVESTIS BRASILEÑAS GENERAN VIDA TODOS LOS DÍAS, 2022

SÉRIE - TRAVESTIS BRASILEÑAS GENERAN VIDA TODOS LOS DÍAS

*FOTOPERFORMANCE - FOTOGRAFIA DIGITAL - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA*

RAINHA F

RIO DE JANEIRO/RJ

Artista visual e costureira, Rainha F, estudante de Belas Artes na UFRJ, explora simbologias matrimoniais para criar novas perspectivas sobre mecanismos de sobrevivência em corpos dissidentes. Seu trabalho aborda a solidão de corpos negros e questões raciais em contextos LGBTQIA+, desafiando a exclusão das corpos dissidentes do sacramento do casamento. Em suas criações, costura quimeras e pérolas em grinaldas, desconstruindo o romântico e questionando a hegemonia colonial no pacto matrimonial. Rainha F propõe novos terrenos para a figura da noiva, transformando o casamento em um espaço de resistência e reinvenção.

Visual artist and dressmaker, Queen F, a student of Fine Arts at UFRJ, explores matrimonial symbols to elaborate new perspectives about survival mechanisms in dissident bodies. Her work addresses the loneliness of black bodies and racial issues in LGBTQIA+ community, challenging the exclusion from marriage of gender and sexuality non-conforming bodies. The artworks stitches chimeras and pearls in wreaths, deconstructing the romantic and questioning the colonial power that exists in the marital pact. Queen F proposes new settings for the bride figure, transforming the wedding into a space of resistance and reinvention.



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - INCONSTÂNCIA
DO FEITO
FOTOGRAFIA DIGITAL
OBRA EXIBIDA
EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



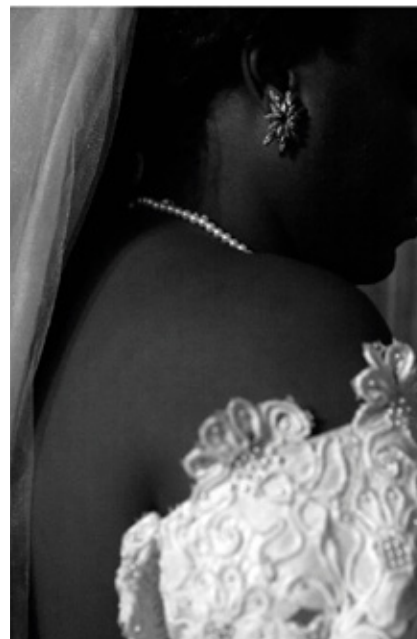
SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - INCONSTÂNCIA
DO FEITO
FOTOGRAFIA DIGITAL
OBRA EXIBIDA
EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - INCONSTÂNCIA
DO FEITO
FOTOGRAFIA DIGITAL
OBRA EXIBIDA
EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



SEM TÍTULO, 2024

SÉRIE - INCONSTÂNCIA
DO FEITO
FOTOGRAFIA DIGITAL
OBRA EXIBIDA
EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA

UYRA SODOMA

SANTARÉM/PA

Artista visual e bióloga, Uyra Sodoma é indígena em diáspora e pessoa de dois espíritos (Travesti), atuando como arte educadora de comunidades tradicionais. Vivendo em um território industrial no meio da floresta amazônica, Uyra se transforma na “Árvore que Anda”, utilizando elementos orgânicos em suas performances. Seu trabalho já integrou mais de 50 exposições coletivas e 5 individuais, incluindo o MAM Rio e o Currier Museum of Art (EUA). Destaque na 34ª Bienal de São Paulo e vencedora de prêmios como o PIPA e FOCO Arte Rio, Uyra narra histórias de Naturezas, encantarias e diásporas por meio de fotoperformances e instalações, expandindo o olhar sobre as relações entre floresta e cidade.

A visual artist and biologist, Uyra Sodoma is indigenous, diasporic, and a person of two spirits (Transvestite), that works an art educator at traditional communities. Living in an industrial territory in the middle of the Amazon rainforest, Uyra becomes the "Walking Tree", using organic elements in her performances. Her work has integrated more than 50 collective and 5 individual exhibitions, including MAM Rio and the Currier Museum of Art (USA). Featured in the 34th Bienal de São Paulo and winner of awards such as PIPA and Arte Rio, Uyra tells stories of nature, enchantments and diasporas through photo-performances and installations that show us the relationships between forest and city.



LAMA 40, 2017

SÉRIE - ELEMENTAR - LAMA

FOTOGRAFIA DIGITAL - FOTOGRAFIA DIGITAL DE KEILA SANKOFA, IMPRESSÃO FINE ART - 45 X 60 CM
ACERVO DA ARTISTA



LAMA 35, 2017

SÉRIE - ELEMENTAR - LAMA

FOTOGRAFIA DIGITAL - FOTOGRAFIA DIGITAL DE KEILA SANKOFA, IMPRESSÃO FINE ART
45 X 60 CM
ACERVO DA ARTISTA



RIO NEGRO 6, 2018

SÉRIE - ELEMENTAR - RIO NEGRO

FOTOGRAFIA DIGITAL DE RICARDO OLIVEIRA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



RIO NEGRO 12, 2018

SÉRIE - ELEMENTAR - RIO NEGRO

FOTOGRAFIA DIGITAL DE RICARDO OLIVEIRA - OBRA EXIBIDA EM SUPORTE
ACERVO DA ARTISTA



BIXA TROPICAL
SALVADOR, BA, 1996

PERTURBAÇÃO, 2024
SÉRIE - BIXA TROPICAL
PINTURA ACRÍLICA MATE SOBRE TELA - 80 X 60 CM
ACERVO DO ARTISTA

Adupé!

Agradecemos a todas as pessoas que compuseram conosco a força necessária para sustentar nosso sonho de reflorestamento, artistas, equipe, famílias e amigos, e sobretudo ao Mistério que soprou nossos ouvidos, lavou nossos olhos e abriu nossos caminhos.



LUCAS CORDEIRO
ITAPETINGA, BA, 1990

ARMADURA, 2020
SÉRIE - ARMADURAS: FORÇA DO ENCONTRO
FOTOGRAFIA ANALÓGICA FILME 120MM, IMPRESSÃO FINE ART
ACERVO DO ARTISTA

FICHA TÉCNICA

Patrocínio
Banco do Brasil

Realização
Centro Cultural Banco do Brasil
e Ministério da Cultura

Gestão e Produção
AfrontArt
Quilombo Digital de Artes

Idealização
Luana Kayodè e
Raína Biriba

Curadoria
Luana Kayodè

Curadoria convidada
Cíntia Gue des

Direção Geral e Artística
Luana Kayodè

Direção Executiva
Raína Biriba

Produção Executiva
AfrontArt
Quilombo Digital de Artes

Assistente de Produção
Xulia

Projeto Expográfico
e Cenografia
Caio Costa

Coordenação de Comunicação
Laynara Rafaela

Identidade Visual
Carlos Santos

Textos
Raína Biriba, Luana Kayodè,
Cintia Guedes, abigail Campos Leal,
Correnteza Braba, Jota Mombaça
e Jup do Bairro

Obra Sonora Original
Ventura Profana

Montagem Vídeos
Natália Alvim (Instalação Central)
e Yuri Rosat (vídeo introdutório)

Organização Catálogo
Luana Kayodè
e Cíntia Guedes

Coordenação Editorial
Luana Kayodè

Design Gráfico e Editoria
Carlos Santos

Social Media
Laynara Rafaela

Tecnologia Web
Marcio Luiz

Produção Local
Alufã - Ismael Fagundes
e Simone Braz

Administrativo-Financeiro
Thiago Pilloni

Consultoria Jurídica
Verônica Aquino -
Jurisculutura

Assessoria Contábil
Remy de Launay
e Fran Abreu

Ampliações e molduras
Lukas Cravo

Iluminação
Caco Peukert

Técnico Multimídia
Edson Júnior -
EVJ Productions

Assessoria de imprensa
Gira Hub

Edição e revisão de textos
Ana Paula Matos

Tradução
Clara de Araújo

Acessibilidade
Luis Mauch
e Mais Diferenças

ARTISTAS

Adu Santos
Bernardo Conceição
Bixa Tropical
Cosmos Benedito
Edgar Azevedo
Emerson Rocha
Gê Viana
Helen Salomão
Juh Almeida
Lucas Cordeiro
Mayara Ferrão
Panamby
Rafa BQueer
Rafaela Kennedy
Rainha F
Uýra Sodoma

INDOMINÁVEIS PRESENCAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Indomináveis presenças / organização Luana Kayodê,
Cintia Guedes. -- 1. ed. -- Salvador, BA :
AfrontArt - Quilombo Digital de Artes, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-65-985361-0-7

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
2. Arte afro-brasileira 3. Arte indígena
4. Cultura afro-brasileira 5. Cultura indígena
6. Decolonialidade 7. Diversidade sexual
- I. Kayode, Luana. II. Guedes, Cíntia.

24-236497

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730
- Aline Grazielle Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-985361-0-7



9 786598 536107

